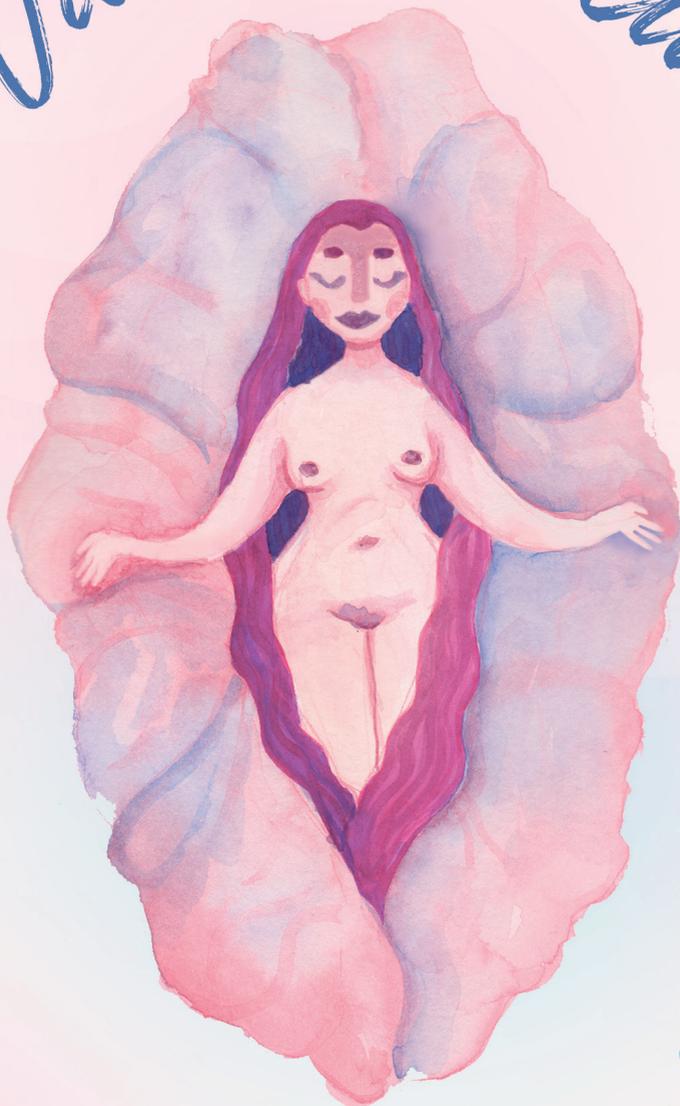


# Vulvessência



**Júlia Souza**

# Sobre a Obra

Este livro traz uma inovadora reportagem no formato de ensaio jornalístico, que conta uma pequena parte da trajetória da trabalhadora sexual Jade como ator político-social em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, narrando suas subjetividades e a busca pelos seus direitos e de suas colegas atuantes no trabalho sexual durante a pandemia. Apresento também pequenices e semelhanças entre as nossas próprias histórias, pincelando a narrativa com autoficção. Além disso, esse relato traz reflexões acerca da realidade feminina na nossa sociedade e uma gama de poesias que compõem o texto e reforçam as subjetividades aqui documentadas.

Júlia Souza

# *Vulvessência*

Livro Ensaio

Orientação:

Prof<sup>a</sup> Dra. Márcia Rodrigues da Costa

Universidade Federal de Ouro Preto

Título: *Vulvessência*

Autora: *Júlia de Souza Fonseca*

Orientadora: *Márcia Rodrigues da Costa*

Arte e edição gráfica: *Izabela Baiense*

*Àquela que segura minha mão, rumo aos sonhos...*

# Sumário

<i>Prefácio</i>	.....	9
<i>Capítulo 1</i>	.....	21
<i>Capítulo 2</i>	.....	38
<i>Capítulo 3</i>	.....	60
<i>Capítulo 4</i>	.....	74
<i>Capítulo 5</i>	.....	101
<i>Epílogo</i>	.....	115



## *Agradecimentos:*

*À minha amada mãe, que me incentiva, apoia, cuida e, principalmente, abraça meus sonhos como se fossem seus. A todos e cada um dos integrantes da família Souza Ferreira, por me oferecer orientação, carinho, colo e suporte durante todo o processo da graduação. A todos os professores e mestres que dividiram comigo os seus saberes, eu os honro.*

*À minha estimada fonte, Maria de Fátima Muniz (Jade), por gentilmente colaborar com este projeto e com a minha transformação de estudante em jornalista e escritora. Às amigas que me apoiaram e me acolheram durante a graduação. À doulagem e à Gineterapia, que expandiram infinitamente o meu leque de saberes, me transformando em uma jornalista mais humana e atenta aos personagens (in)visíveis em nosso cotidiano.*

*O valor de vocês é inestimável, sem a contribuição de todos e cada um eu não chegaria aqui. O amor é o que nos leva para frente, sigamos.*



*Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.*

*Carlos Drummond de Andrade*



# Prefácio





*[Serendipidade]*

*Ato ou capacidade de descobrir coisas boas  
por mero acaso, sem previsão.  
Circunstância interessante ou agradável que ocorre sem aviso,  
inesperadamente; casualidade feliz; eventualidade.*

Essa pauta nasceu na infância. Incrivelmente nasceu de uma dor que brilhava no invisível da inocência, que também morreu precocemente. Morreu invadida, suprimida, pisada.

A vida é curiosa, para dizer o mínimo, e ela começa a te transformar de maneiras sutis que podem definir muito do seu futuro, quando você ainda come cascas de feridas ou melecas de nariz. É tudo muito íntimo e pessoal desde sempre. Quem somos depende de infinitos acasos e causalidades, acontecimentos mínimos que vão nos moldando despretenhosamente, como um ceramista distraído que produz obras lindas e frágeis em sua particularidade. As circunstâncias, sejam quais forem, são interessantes, nos movimentam e, estejamos nós prontos ou não, a vida muda e nos sacode sem leveza ou pudor.

O caos aconteceu. Num suspiro, a minha realidade mudou completa e radicalmente. Esses imprevistos em meu percurso infantil me transformaram em uma excelente atriz por ocasião. Eu fingia estar tudo bem o tempo todo enquanto definhava e me consumia em meus próprios pensamentos.

*Pensei*  
*Pensamento*  
*Piegas*  
*Proibi*  
*Pensei*  
*O que pensar*  
*Partir*

Sem drama, acredito que essa é a realidade de uma grande parcela das pessoas: sofrimentos inenarráveis para todos os lados, e nenhum de nós somos diferentes ou especiais. Mas é que eu preciso explicar como adentrei nesse universo, no sentido mais amplo da questão - da escrita, da literatura, do jornalismo, da prostituição, do amor, do se importar.

É possível, inclusive, que não haja nenhuma ligação ou sentido neste meu interesse, visto que em minha mente tudo parece interligado, como que tecido em uma enorme teia do destino, o meu destino. Sendo meu, é poético, belo, interessante... e todas as notas, carícias, pitadas e delícias que podem (e talvez devem) ser generosa e abundantemente concedidas pelo ego. A alma vibra em se sentir e se achar importante. Porque a gente é! Não é?!

*Brilhando tanto  
Presa em mim  
Quem pode  
além de eu  
me acender  
ou me apagar?*

Mas, na verdade não, nem tanto. Não somos especiais, não temos nada que nos difere enquanto seres humanos vivendo como seres sociais, no geral somos máquinas de podridão que infectam os cantos onde se achegam. Seja essa

podridão algo que escorre para o mundo, como um chorume infecto de drama, tristeza e dissabor, seja algo que fica preso em nós como um veneno que tomamos dia após dia, enquanto esmorecemos diante do espelho.

E, justamente por ter consciência da nossa suja pequenez diante de um mundo tão rico e de belezas tão variáveis, nos conscientizamos de que talvez haja uma mínima chance de sermos especiais, porque dividimos um planeta e o dom da vida com infinitas maravilhas que podemos ou não ver.

E seguimos nessas dicotomias: “somos bons ou maus”? Sofremos porque somos inúteis e contaminamos o planeta com nossa acidez, ou contaminamos o planeta com nossa acidez porque somos apenas inúteis que acham que sofrem? Luz ou sombra? Temos uma missão ou estamos perdidos sem propósito em meio a um sistema selvagem que nos acorrenta a um ideal de felicidade que na verdade nos impede de ser feliz?”

Neste íterim, eu, Júlia de Souza Fonseca, ou Júlia de Souza, fui lambida pelas más línguas que, em sua essência, pertenciam a crianças inocentes de 12 ou 13 anos de idade que, como eu, estavam perdidas em seus próprios desesperos e inseguranças adolescentes e, talvez por isso, destilavam veneno para se proteger da violenta transformação de criança comedora de melecas a adulto pagador de boletos que chora no banho.

*Envenena  
a raiz  
queima  
quebra  
sufoca  
sorriso diabólico  
nos lábios meus  
lábios  
espanta  
miserável tentativa de ser feliz*

Júlia de Souza se transformou em “Putá de Souza”. Enquanto (ou por causa) de tudo o que acontecia em meu interior, falhei ao não enxergar a dimensão que todo esse baíaado de críticas haveria de tomar... quem diria que eu estaria expurgando todo esse rancor 12 anos depois da coisa toda se passar? Certamente não eu.

Não sei bem onde isso tudo começou, se em mim ou nos colegas, se nas diferenças ou semelhanças, se na comunhão ou na antipatia, só sei que vi muita gente me desferir críticas que eu nem sequer entendia: “Putá de Souza”. Por qual motivo isso haveria de ser ofensa? O que havia de tão errado com as mulheres prostitutas?

Me enfurece perceber que algumas crianças são educadas em lares em que a luta pela sobrevivência, o amor e a liberdade de ser são ofensas. Eu não consigo sequer conceber o hiato emocional que deve dominar uma pessoa (adulta e “consciente”) assim.

*O vazio do outro me enfurece  
o calafrio da maldade  
mentecapta  
me enlouquece  
enquanto a simplicidade  
que me permite percebê-las  
me envaidece  
retrógrada  
cidade*

Passei alguns anos ouvindo repetidamente que eu era a puta da escola. Eu achava brega, sabem? Cafona. Ultrapassado. Ridículo. Ignorei minha impetuosidade, até o dia em que eu finalmente consegui me pavonear e exibir minhas vergonhas e verdades, eximindo-me da responsabilidade de me esconder e intimidar diante de tão tolas críticas. 13 anos. Puta.

Lembro-me de me enfiar em literaturas muito inadequadas para a minha idade na busca de me compreender ou me adequar ao que esperavam de mim. Puta. Lia e leio sobre putas. Aos 11 anos de idade meu livro favorito era “Vida de Droga”, de Walcyr Carrasco, aos 12 era “Onze minutos”, de Paulo Coelho, aos meus 13 anos descobri o “Eu, Christiane F., 13 anos, drogada, prostituída” e me identifiquei com aquela figura fragilizada e invisível (apesar de não ser nem drogada, nem prostituída). Eu, uma intérprete consagrada, fingia que estava tudo bem. Não estava.

*Seca  
torta  
sem entender  
absoluta  
mente?  
mente!  
Somos nada  
Minha paciência se esgota  
Vou-me  
E caminho pela rua  
Feito alma viva  
Morta*

Na verdade nunca está tudo completamente bem nem completamente mal, caso contrário nós não sobreviveríamos. Não haveria perpetuação da espécie se tudo fosse tristeza única. Às vezes perdemos a dignidade, mas não a pose. Valemos muito por isso, porque, ao contrário do que possa parecer, não é somente fingir... é reagir aos estímulos que recebemos do meio, reagir às respostas que recebemos da sociedade ao expressar a nossa verdadeira voz. Tudo muda conforme o todo vai mudando, e nós tentamos nos fazer durar.

*Me espera  
Me impera  
Me quebra  
Me pega  
Me leva*

*turistas  
sobreviventes  
da “Nova Era”*

Não entendia e sigo sem compreensão sobre porque meus coleguinhas achavam que ser puta seria uma ofensa. Contudo, eu respondia às afrontas na escrita, vivia muito do que me era privado na realidade sob minhas palavras, transmutava questões dolorosas em longos contos de horror, criava os romances juvenis que não vivia ali nas páginas em branco, escrevia infinitas cartas que jamais seriam entregues. Amor e ódio. Luz e sombra. Alegre e infeliz. Infame e famosa. Salvadora e vil. Às vezes eu não cabia em mim, mas cabia num pequenino quadrado de papel. Puta. Escrevia com a ferocidade de quem sonha.

*Expurgo  
Meu processo  
é criativo  
Sai, grita, esmurra e chora  
meu processo  
introspectivo  
confuso  
perturbador  
transforma a dor  
tecituras que libertam  
“solta”  
me  
implora*

Hoje percebo que o que de fato importa é entender que as mulheres prostituídas também são. São e simplesmente são. São filhas, são mães, são avós, são amor, amam e são amadas, são ideias, são política, são luta, são alegria, são festa, são tristeza e medo, são coragem, são desconhecido. O universo de uma trabalhadora sexual é muito mais do que sequer podemos conceber, o universo de uma mulher de luta é muito maior do que as nossas caixinhas. A força e o desejo por direitos e uma realidade melhor são mais relevantes do que estereótipos e julgamentos, tudo é muito mais visceral e urgente do que concepções ultrapassadas e descabidas. Entendo que encontrei imensidão em uma história que começou com miudezas, com pequenices piegas do passado, o ressuscitar de um sentimento que na verdade nunca falecera: a curiosidade sobre um universo oculto para o qual me empurraram. Serendipidade.

Como eu disse na primeira frase deste livro, essa pauta nasceu na infância perdida nas vias e mãos da vida e do mundo. Parece bonito, mas as vias da vida são tortuosas e suas mãos raramente afagam, já as vias do mundo são diversas e difíceis demais para que tenhamos consciência da seriedade de nossa caminhada e suas mãos simplesmente batem na nossa cara cobrando produtividade.

A criança, que indagava “o que há de tão vil em ser prostituta?” e que aqui vos fala, percorreu um caminho intrincado até perceber que o produto disso tudo, a resposta, só poderia estar na escuta dessas trabalhadoras sexuais, e na

escrita sobre as mesmas. Só assim seria possível entrelaçar os pensamentos torturantes que cutucam meu cérebro como microagulhas há mais de uma década, com um ensaio verdadeiramente conectado com tudo em que eu acredito, e com o que as trabalhadoras, gentilmente, me ensinaram.

*Eu escrevo  
nos meus piores dias  
escrevo  
para vencer minhas labutas  
escrevo  
sobre mulheres  
anjos  
e  
santas  
prostitutas*

Escrevo para ressignificar meus rancores pelo ódio que me foi direcionado na juventude, e canalizá-lo da única forma que sei. Eu o converti em conhecimento e vivências transformadoras, aprendi sobre as figuras que serviam de modelo e personificação do negativo nos discursos e penalizações vindas de algumas figuras de importância inseridas no meu cotidiano. Ocasionalmente, e para a minha felicidade, me deparei com um antigo fantasma do passado me cutucando para criar a minha cura. Me resolvi ao assumir a “Putá”. Este é o destino. Saga que tem começo, meio e fim. Superar o passado e me assumir. Puta.

E assim começo este livro, na busca por transformar as minhas dores pessoais e inquietações em uma narrativa que faça sentido. Que mude, fale e cure. Conheci a beleza de um universo envolto em delicadezas, sofrimentos e muita luta na busca por entender o meu próprio universo e me livrar de culpas e indagações passadas. Eu tenho as minhas próprias delicadezas, sofrimentos e lutas, que se assemelham às da mulher prostituta e que serviram como um direcionador para um universo que envolve muito mais do que o meu mísero ser. E saibam: todas as mulheres têm. Acredite. O real é importante demais para ser deixado de lado, cego e enviado pelo ego. O mundo pede que despertemos, agora. Estamos em guerra.

*[Prostituta]*

*Aquela que se dedica ao exercício da prostituição;  
mulher que faz relações sexuais por dinheiro.*

*[Pejorativo] Tabu. Meretriz, rameira ou puta.*

*Etimologia (origem da palavra prostituta). Do latim prostituta.*

# Capítulo 1





*[Pandemia]*

*Doença infecciosa e contagiosa que se espalha muito rapidamente e acaba por atingir uma região inteira, um país, continente etc.*  
*Epidemia que se dissemina por toda uma região; extensão de uma epidemia a todo um continente, a todo o globo terrestre.*

Viver a vida é um negócio esquisito. Ao mesmo tempo em que temos muita certeza de boa parte do que estamos fazendo, também nos questionamos sobre a legitimidade de nossas ações e decisões em função de opiniões, posicionamentos e julgamentos de terceiros em relação aos nossos atos.

Quantas de nossas atitudes são guiadas pela visão dos outros sobre nós, sobre elas? Somos capazes de nos despir das nossas querências ao sermos taxados por querê-las? É intrigante pensar o peso que a repreensão de terceiros pode ter sobre as nossas decisões. Todos paramos, vez ou outra, para pensar nas consequências de agir contra o que os outros pensam ser melhor para nós, ou mesmo nas de agir contra as convenções sociais. Todos nós estereotipamos, todos somos estereotipados. Refletimos sobre espelhar, ou sobre refletir as expectativas alheias.

Contudo, essa realidade não é algo que contempla a todos o tempo inteiro. Eventualmente, acabamos por mudar de ideia sobre quais anseios suprir (se os nossos ou os do outro)... especialmente quando as necessidades básicas e primordiais rugem, alto como o roncar do estômago vazio e faminto, poderosas como os berros de um bebê, urgentes como a morte e a vida. Conheci e ouvi trabalhadoras sexuais, e acredito ser essa a realidade que toma conta de algumas delas: a primitividade da sobrevivência e de manter os seus. A carência por dinheiro, por pagar as contas, por ajudar aqueles que precisam e dependem de uma mulher que pre-

cisa suprir muito mais do que a fome literal e física, como outras fomes que contemplam seus dependentes.

Eu queria entender a profana existência dessas mulheres prostituídas, e busquei uma conexão com uma delas para, então, conhecer outras em seu meio. Achei Maria de Fátima Muniz, mais conhecida como Jade, por meio das redes sociais de colegas de um curso de terapias focalizadas no cuidado do Feminino (Gineterapia), as quais realizavam um trabalho voluntário com as trabalhadoras sexuais da Guaiçurus, região conhecida do hipercentro de Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, por seus hotéis de prostituição e casas noturnas, isso lá no fim do ano de 2019, que parece ter sido eras atrás. Assim, comecei a explorar as marcações referentes às pessoas presentes na foto em que as Gineterapeutas estavam reunidas com as trabalhadoras sexuais, achei o Coletivo Clã das Lobas e, logo em seguida, a Jade.

Eu ainda estava definindo o cunho da produção que faria em parceria com as profissionais do sexo, o trabalho apenas começava e eu tentava me adiantar às demandas que viriam. Contudo, por mais que eu tenha me esforçado para antever as questões mais importantes e que estavam por vir, eu não imaginava que o mundo viraria de ponta-cabeça em questão de poucas semanas. Eu já havia ouvido falar sobre o coronavírus nos jornais, uma doença que estava deixando a China em polvorosa, e imaginei que logo a coisa chegaria no Brasil... só não imaginava que seria tão caótico e preocupante, que milhares de pessoas em nosso país acabariam mortas

e que ficaríamos desnorteados por meses, anos, como ainda estamos.

No começo de 2020 eu percebi que precisava contatar Jade para começar os trabalhos de pesquisa antes que tudo entrasse em colapso por aqui. Logo no dia 10 de março, uma terça-feira, mandei uma mensagem numa das redes sociais do Coletivo Clã das Lobas, administrado por ela, falei sobre minha proposta de trabalho e meus desejos por conhecer um pouco mais da realidade das profissionais do sexo de Belo Horizonte, a que ela prontamente responde, já me passando o seu contato pessoal e se interessando em participar. No dia seguinte, quarta-feira 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde elevou o estado da contaminação e decretou a pandemia.

O caos se instaurou, vagarosa e letalmente, entre toda a sociedade e, claramente, no Brasil não seria diferente... quem estava conectado com as notícias rapidamente percebeu a dimensão do buraco em que estávamos entrando e, infelizmente, do qual não saímos. Contudo, independentemente de todo o rebuliço e pandemônio, a minha pesquisa precisava acontecer. Ali começava um mergulho profundo em um universo tão complexo quanto pragmático.

Parece tudo muito intrincado, mas não é. Por mais absurdo que pareça, a pandemia foi o que definiu as formas e rumos do meu estudo que não mais seria sobre as trabalhadoras sexuais, e sim sobre a luta de *uma* delas por toda a sua

classe - invisível, marginalizada, silenciada - em um momento em que a adversidade tomou conta de todos os cenários da nossa sociedade e, obviamente, no âmbito da prostituição não seria diferente. Jade já era uma representante dos interesses das pessoas prostituídas que, no entanto, precisava lutar “apenas” contra os preconceitos e violações de direitos das mulheres trabalhadoras sexuais, atuando pela saúde e segurança das mesmas... mas não contra um vírus desconhecido e tudo o que ele provocaria. Ali é que floresceu o ator político e agente de transformação social que já estava semeado e brotando nela e no Coletivo.

*Tudo muda tanto  
o tempo todo  
há tanto tempo  
a todo o tempo*

Voltando à figura de Maria de Fátima Muniz do Nascimento, ela é uma mulher impressionante. Pequenininha, de baixa estatura, exala uma força feminina e sagacidade que são extremamente cativantes. Natural de Araiões, uma pequena cidade do interior do Estado do Maranhão que tem em suas raízes a influência de indígenas autodenominados Araiões, ela tem em seu sangue a mistura de diferentes povos e etnias - sendo primordialmente nordestina, ela carrega em seus genes traços indígenas, ciganos, portugueses, espanhóis e se lê como uma pessoa parda - nascida em 26 de novembro de 1968, sagitariana de muita energia de fogo e transmutação.

Aos 11 anos de idade se mudou para Fortaleza, no Ceará, para morar com seus irmãos, lá conheceu seu ex-marido, com quem teve um casamento e seus filhos. O relacionamento não deu certo, após certo tempo eles se separaram, mas mantiveram uma relação de amizade, e hoje ele é um de seus melhores amigos. De lá, Maria de Fátima se mudou, passou um período no Rio de Janeiro, mas não gostou, então foi para São Paulo em busca de uma vida melhor para ela e para seus filhos, que deixou para trás sob os cuidados de sua família, ao se mudar para tentar novas oportunidades de trabalho. Ela me conta que já morou em diversos estados, pontua que não cria raízes e não tem apego a absolutamente nada, sempre foi uma batalhadora e se estabelece onde consegue trabalhar para suprir suas necessidades e as dos seus.

De acordo com sua narrativa, ela trabalhou em diversos lugares e funções, mas tinha certa dificuldade de prover para si e seus filhos e, por isso, precisou buscar um meio para complementar sua renda:

*“Eu trabalhei de tudo... quando a mulher chega aos 30 anos com filhos para criar, ela já tentou de tudo. Já trabalhei como doméstica, como faxineira, vendedora... só que em São Paulo o custo de vida é muito caro, muito, muito caro. E eu tinha que mandar dinheiro para a minha mãe, porque eu deixei os meus filhos com ela. Os nordestinos vêm para São Paulo, Rio, Brasília... a gente deixa os filhos com a nossa família, então a gente tem que mandar um dinheiro e manter, né? Não pode largar lá. Quem tem responsabilidade faz isso.”*

Sua trajetória com o trabalho sexual começou assim. Com o alto custo de vida em São Paulo e a necessidade de prover seus filhos, ela precisava aumentar seu rendimento. Um dia ela viu um anúncio naqueles antigos classificados “amarelinhos”, que oferecia uma vaga para moças jovens atuarem como “acompanhante executiva” com um salário de R\$ 5 mil, isso há mais de duas décadas atrás, que atraiu a sua atenção. Ela não fazia ideia do que aquilo significava, e respondeu ao anúncio. Foi buscar informações pessoalmente e conheceu a casa em que poderia trabalhar... segundo ela, quando chegou lá e entendeu do que se tratava, ela falou: “Deus me livre!”, e ficou completamente horrorizada. Para uma mulher que vinha de uma separação de casamento e estava já há algum tempo sem manter relações sexuais, aquilo foi estarrecedor.

Ela voltou para casa e ficou uma semana pensando sobre o assunto, até que a necessidade falou mais alto. Decidiu aceitar o trabalho, e com uma semana atuando ela conseguiu mobiliar completamente a sua residência e começou a mandar dinheiro para a sua mãe, ajudando a família. Contudo, como começou a atuar com o trabalho sexual já mais velha (aos 30 anos), conseguiu manter o foco de juntar dinheiro e não se mantinha atuante direto no trabalho sexual... trabalhou por um ano e parou. A dona da casa de prostituição se afeiçoou a ela e a convidou para gerenciar o espaço, e assim ela atua já há cerca de 20 anos: trabalha por conta própria como profissional do sexo por um período, para por um cer-

to tempo e trabalha em outras ocupações e situações diferentes. Depois de São Paulo, Maria de Fátima mudou-se para Belo Horizonte, onde vive há cerca de 20 anos, onde atuou como profissional do sexo nos hotéis da cidade.

A Jade, sua figura enquanto trabalhadora, nasceu de seu interesse pelo misticismo, pela história dessa gema preciosa - a pedra Jade fica encrustada em locais remotos, sua beleza e raridade são muito atraentes e definem o seu alto valor comercial - e de sua afeição por uma série de livros que contam a história de cinco irmãs, sendo a de Jade a que ela mais se interessou e identificou. Ela trabalhava com o nome de Sheyla, e mudou sua designação para Jade depois de conhecer a pedra e de ler essa série de livros. Jade adora gatos, atua com práticas integrativas pela saúde (aromaterapia, massoterapia, auriculoterapia, entre outras práxis), se considera uma pessoa muito conectada com as questões energéticas e adota um olhar holístico muito forte em suas vivências pessoais. Curiosamente, nos conhecemos por meio dessa perspectiva e cultivamos esses interesses em comum.

*Ouçó o tilintar  
das pedras  
e cristais  
em minha alma  
devagar  
incensos  
astros*

Eu questiono Jade sobre a melhor terminologia para designar as mulheres que vivem de sexo, tendo em vista que o termo *prostituta* é carregado de estigmas e envolve uma série de questões sociais, além de já abarcar mulheres que não vivem do trabalho sexual e são apenas libertas das amarras dos padrões sociais. Ao que ela me responde:

*“O adjetivo ‘puta’, ele não é referente à mulher que trabalha e vive do sexo não... ele é pejorativo e vem pra qualquer mulher que tem um pensamento ou uma atitude diferente daquilo que as pessoas não gostam. Se ela faz o que a sociedade não gosta, ela virou ‘puta’. E não são todas que têm essa questão com o nome... tem algumas que adoram carregar o nome ‘puta’, elas carregam como se fosse um símbolo de sua identidade. Mas, nós, dos movimentos e redes, que viemos lutando pelos direitos no trabalho sexual, e em cada Estado tem um movimento e um coletivo em rede de trabalhadoras sexuais, nós acreditamos que para a gente conseguir avanço, nós temos que mudar alguma coisa. Porque essas mulheres do passado não conseguiram avanço nenhum... para a gente conseguir avanço, a gente precisa mudar alguma coisa, algo que não deu certo. Então a gente tem que refazer tudo... e esses são os nossos pensamentos, não são de todas. Aquelas que gostam de ser chamadas de putas e de prostitutas, a gente aceita e nós respeitamos, mas a partir do momento*

*em que nós falamos de legalização e de lutar por direitos, ali o correto é trabalho. Tem mulheres que se identificam com o nome ‘prostituta’, e para elas não tem problemas... entendeu? Não é que nós queremos mudar, mas é que nós entendemos que quando a gente fala de trabalho, a gente tem que se identificar como trabalhadoras. Porque ‘puta’ e ‘prostituta’ podem ser quaisquer mulheres que não exercem o trabalho, e a partir do momento em que nós queremos legalizar e queremos o respeito à nossa profissão, a gente precisa se identificar como [exercendo] trabalho. Eu sou trabalhadora, a outra [mulher] é uma ‘prostituta’, quer dizer, ela não exerce o trabalho, ela não faz sexo por dinheiro, ela “dá” de graça, ela vai pro boteco, ela é ‘prostituta’... a gente que vive e se envolve [com a prostituição] e tem um local de trabalho, e pega um quarto, paga uma diária e daquele dinheiro do meu trabalho eu pago desde o meu aluguel até a faculdade do meu filho, sustento minha família, sou arrimo de família, ela [a mulher que não exerce o trabalho sexual e é chamada de prostituta] me desqualifica.”*

Ela é uma forte figura de liderança, contudo não se atrai mais pela função de gerência - por mais que os proprietários dos hotéis se interessem que ela exerça esse cargo -, pois nunca quis se ver em um lugar de cobradora, por conhecer as dificuldades e as malícias que perpassam o dia a dia das trabalhadoras sexuais ali. Sendo gerente de um hotel, ela seria funcionária do proprietário e, portanto, deveria prestar contas a ele, já que é essa pessoa que paga o seu salário... ela não

quis se colocar nesta posição porque vai contra a forte veia do ativismo que descobriu em si. Como ativista, ela pode atuar levando as demandas da classe aos proprietários dos espaços de prostituição, pode reivindicar mudanças e melhorias nas condições de trabalho das profissionais e pode, ainda, inter-cambiar com o poder público.

*Faço  
o que preciso  
falo  
não há perigo  
trato  
e sou abrigo*

Antes da pandemia, Jade e o Coletivo Clã das Lobas tinham uma rotina de dialogar e mediar as brigas e questões entre os donos dos hotéis com as trabalhadoras, a manutenção do ativismo pelos direitos da mulher, o apoio às trabalhadoras sexuais em eventuais necessidades de fazer denúncias à polícia, entre outras questões que envolvem garantias básicas. Com a chegada das notícias sobre a pandemia, Jade parou de atuar como trabalhadora sexual e passou a viver de suas economias pessoais que acumulara ao longo de décadas atuando como profissional do sexo e em outros cargos.

Ela, que já estava envolvida no âmbito da luta pelos direitos de sua classe, percebeu o que estava por vir para as trabalhadoras e para toda a sociedade, e procurou dialogar com as profissionais, os proprietários dos hotéis e com o po-

der público para tentar atenuar a desigualdade e aumento da vulnerabilidade que viria a assolar aquelas mulheres e suas famílias. Ela “caiu na real” e teve que cuidar de muitas coisas ao mesmo tempo. Foi uma das primeiras a acreditar que a doença viria e afetaria fortemente essas pessoas e todas as outras que delas dependem direta ou indiretamente.

Assim, Jade promoveu uma reunião junto à Pastoral da Mulher e expôs a necessidade de fechar os hotéis, de conseguir uma casa de apoio para abrigar essas mulheres, de ampará-las em seu retorno para suas casas e cidades natais, visto que há profissionais que vêm de diversas partes do país para atuar no trabalho sexual em Belo Horizonte, que tem um caráter diferente por não promover um aliciamento direto dessas mulheres. Elas alugam o quarto, pagam a diária, fazem os programas de acordo com as suas necessidades e definições pessoais e trabalham à sua maneira, não dividindo porcentagem do programa com cafetões ou cafetinas e nem se sujeitando diretamente às vontades desses, mas sim, às regras dos hotéis.

Nessa reunião ela contou, também, com a participação e ajuda de diversas secretarias da prefeitura de Belo Horizonte (especialmente as das Mulheres, do Imigrante, da Saúde, do LGBTQ+, entre outras) para a tomada de decisões e definição dos passos a serem dados a seguir, como promover essa realocação das trabalhadoras sexuais e conseguir uma casa para abrigar as mulheres que vivem nos hotéis e não têm moradia fixa, em caso do fechamento deles. A pandemia

contribuiu para conscientizar sobre a necessidade de reformular a ação e o trabalho de proteção e garantia de saúde e segurança para as profissionais do sexo e mulheres em situação de vulnerabilidade na cidade.

Jade me conta que o seu ativismo mudou-a completamente, sua figura de luta sofreu uma transformação enorme, e foi sendo colocada à prova que ela cresceu: aumentou seu coletivo, conseguiu uma casa de apoio para essas mulheres, conseguiu ser contemplada por editais diversos... tudo isso ao mesmo tempo em que fazia múltiplos trabalhos sociais e arrecadação de insumos básicos para a melhor sobrevivência dessas mulheres.

Saiu de uma postura de ativista “passiva” para uma figura de ação prática, lidando com problemas e demandas reais e urgentes que tangenciam uma série de questões subjetivas em torno dos direitos sociais, da vida das trabalhadoras sexuais, da luta das mulheres em situação de vulnerabilidade social, da sua trajetória pessoal e dos trabalhos característicos de seu coletivo que, inclusive, continuavam ali, apesar da reviravolta na situação, já que as trabalhadoras continuavam atuantes, as demandas por apoio e mediação entre elas e os gerentes dos hotéis, auxílio na manutenção da saúde sexual, amparo em situações de violência, entre outras necessidades, também permaneciam. A Jade e o Coletivo do passado pré-pandêmico já não eram mais os mesmos, e ela se pôs à prova e se superou.

*Passado  
Perdido  
Guardado  
Cura o futuro  
Escancarado  
Seguindo em frente  
Toca minh'alma  
Sorri com sabedoria  
Dos tempos e do todo  
Respeitável  
e descarado*

Após certo tempo, sua profecia do caos se concretizou, e os hotéis precisaram ser fechados em função do alto risco biológico oferecido pelo coronavírus. Ela estava preparada para tal situação, já contava com uma casa para abrigar as trabalhadoras que não tinham abrigo, já contava com apoio de Organizações Não Governamentais, já estava recebendo doações diversas (como cestas básicas, produtos de higiene pessoal, botijões de gás, passagens de ônibus para auxiliar no retorno de algumas trabalhadoras às suas cidades de origem), contava com o apoio formal do poder público... ela já tinha solução para a maioria dos problemas que surgiram, e recebeu muita ajuda no processo.

Com tamanha demanda por atuação nesses âmbitos que contemplam questões político-sociais, ela assumiu cada vez mais responsabilidades e passou a ocupar espaços que

representam o interesse não somente da população prostituída, como também o de todas mulheres em situação de vulnerabilidade social (seja ela provocada pela pobreza e miséria, trajetória de rua, violência doméstica, entre outras diversas questões que condicionam a população feminina a estes lugares). Ela assumiu o cargo de conselheira municipal pelos Direitos das Mulheres, tem uma cadeira no Comitê de Identidade de Gênero 50 / 50, atua na Rede de Enfrentamento de Violência Contra as Mulheres de Minas Gerais, faz parte do grupo integrante da Comissão IST/AIDS e *não recebe nada por isso*.

Sua transformação em um potente ator político-social veio por necessidade. Ela foi colocada neste lugar graças à sua proatividade e ao seu olhar humanitário e ativista, que movimentou estruturas ao longo do período mais crítico da pandemia e promoveu grandes ações pelo bem-estar das trabalhadoras sexuais de Belo Horizonte e de outras localidades de Minas Gerais. Ao enviar doações para diversas profissionais do sexo em várias regiões do Estado, Jade ocupa espaços em que oferece a sua voz e atua como focalizadora dessas das demandas básicas de sua classe. Jade tem em si a força e estoicismo que eu tanto queria conhecer, ela representa a bondade e a humanidade que eu já imaginava poder encontrar nas figuras prostituídas... e ela está em todas essas profissionais, a diferença é que ela também, e principalmente, é uma grande ativista.

[ Ativista]

*Pessoa que trabalha de modo ativo, eficiente, na prática por uma causa, falando especialmente de um interesse coletivo. Quem atua e trabalha por uma ideologia política ou social; militante.*

# Capítulo 2





*[Belo]*

*Que desperta sentimentos de admiração,  
de grandeza, de nobreza, de prazer, de perfeição.  
[Filosofia] Característica presente na natureza e em determinadas  
coisas, pessoas, hábitos sociais e culturais, que se adequa a alguns  
padrões tidos como harmoniosos, tendo em conta determinada  
sociedade ou época, de acordo com os quais é possível ter uma  
sensação de prazer ou de emoção contemplativa.*

O cosmos da prostituição tem em si um componente de dor que carrega certa beleza. Não há absolutamente nenhum romantismo na questão do sofrer, na pobreza, na vulnerabilidade, fome, miséria, violência, decadência... todavia, existe um mistério e uma certa magia do oculto que sondam as trajetórias e histórias pessoais escondidas por trás das discretas e quase invisíveis portas dos hotéis, que abrigam as trabalhadoras sexuais no hipercentro de Belo Horizonte.

Acredito ser a prostituição um universo de infinitas possibilidades, de diminutas subjetividades e muita personalidade, carregado de sentidos e histórias que podem ser tanto vistas como trágicas quanto fortes e estimulantes. É bonito conhecer a superação, a harmonia que paira sobre o caos, a naturalidade com que as mulheres profissionais do sexo lidam com questões tão censuradas e circunscritas pela moral social.

*Meus Olhos  
Vêm  
o mundo  
como arte  
vem ao mundo  
vem  
o mundo  
é arte  
faz parte*

Eu queria sentir esse meio, adentrar um pouquinho neste hemisfério velado... já estava há mais de dois anos pesquisando a prostituição, há mais de um ano em contato com a minha fonte e com o universo do qual ela faz parte, mas ainda me sentia vazia de conteúdo. Como falar sobre a prostituição sem estar lá? Sem ao menos ter conhecido o ambiente? Seria possível, mas faltava ali a vivacidade e a veia crua, em que corre o fluxo da realidade pulsante e pungente que eu estava tentando abordar. A ideia de pesquisar à distância era proteger a mim e a Jade da contaminação pelo coronavírus, mas acredito que eu possa ter me prendido um pouco ao conforto e segurança de estar entre quatro paredes, me sustentando em uma ideia que eu havia concebido do que são diversas mulheres, representadas por uma.

O que quer que fosse o motivo de eu me privar da pesquisa de campo na Guaicurus e no hipercentro da prostituição de Belo Horizonte, acabou sendo suplantado por uma urgência ao ver este livro empacado... eu travei e senti um vazio ao começar a narrativa sobre a importância do trabalho de Jade. Afinal, como falar da grandiosidade e da luz que ela traz para as mulheres trabalhadoras sexuais em situação de vulnerabilidade, sem falar da dor e da escuridão que envolvem este universo e que são a origem da importância de tal trabalho? Não seria impossível, mas seria especulativo e, pela minha característica curiosidade, desconfortável.

*Eu luto  
o tempo inteiro  
tanto  
para não me perder  
no encanto  
amargo  
estranho delírio  
que é viver  
Caminho  
desorientada  
tentando me perdoar  
tentando não me perder  
para me libertar*

Apesar da coceira urgente que me pedia pela vivência, eu ainda precisava ser vacinada, ainda precisava receber o aconchego oferecido pela imunização em meio à maior pandemia e crise de saúde pública da História, e isso se mostrou um fator determinante na minha confiança para seguir com a pesquisa. Todos nós vivenciamos a pandemia, você aí que me lê ainda está lidando com os efeitos dela, faltam palavras para descrever o que aconteceu. No entanto, eu ousaria definir com a simplicidade de um dito popular: foi um completo e gigante balde de água fria e mórbida. Brochou tudo e abalou a todos, ou quase.

De qualquer forma, aguardamos tempo demais pela dose de esperança, pelo cessar das lágrimas de sangue correndo mundo afora e também pelo Brasil (o qual entrou em uma sequência espiral de índices negativos, crise sobre cri-

se) com sua política peculiar no manejo da pandemia pelos gestores dos poderes e suas esferas, além da sociedade que teve um papel fundamental sobre a dança macabra a qual temos testemunhado, ao ritmo do erótico da morte, que inconscientemente nos alimenta.

Somos animais primitivos, e como somos! Sangue, suor, sexo, trevas, profano e sagrado, é o que nos nutre. Quase nada além de pão e circo nos faz ferver o sangue, são poucos aqueles que encontram no pouco algo capaz de encher os olhos. Não me refiro à romantização da pobreza, coisa colonial e sem sentido, mas sim àqueles poucos momentos que nos fazem sentir conexão com algo maior e que nos proporcionam a esperança e a capacidade de seguir. “Vacina no braço, comida no prato” se tornou o mote da revolução reversa. E pensar que na minha infância os cientistas celebravam a conquista da ovelha Dolly, grandes viagens de exploração e suas descobertas, Bóson de Higgs (a “Partícula de Deus” que confirmou a teoria da relatividade de Albert Einstein e foi descoberta pelos estudiosos da física contemporânea)... como foi que chegamos ao ponto de duvidar de grandes pesquisadores e acreditar em correntes difundidas pelas redes sociais? Esses mesmos cientistas têm suado para provar que a Terra não é plana. Diante de tanta ignorância, talvez seja.

É como diria o ditado popular: “É melhor ter paz do que ter razão”. E a paz chegou na forma de uma injeção tardia e precoce em meu braço esquerdo, sobre a boca da moça que grita e gritará em silêncio, tatuada em minha pele, por toda a

nossa vida. Ela sorriu contente, eu também. Somos cúmplices de um momento, um marco histórico. Somos livres, eu grito em silêncio com ela, fomos em busca das respostas que, por acaso, sabemos que não necessariamente existem e que culminaram em novas perguntas. Me senti menos amarrada, menos amordaçada... a vacina me soou como uma aquiescência, chega de censura, não mais castração criativa, hora de buscar sentir para tecer sentidos. Eventualmente espero que a minha tessitura fale algo, mas também entendi que o silêncio grita. Estejamos atentos, pois mudos que somos, falamos muito.

*Expresso  
um expressar  
desperto  
de tanto esperar  
inverso  
sempre a tentar  
atesto  
benéfico  
e salutar*

Ainda nesse mote, saúde, na semana em que decidi ir até Belo Horizonte falei com Jade sobre, e ela, como sempre, estava no ‘corre-corre’ de seu trabalho, que consiste também em prestar socorro às companheiras fragilizadas e doentes. Naquele momento, sua demanda era amparar uma conhecida que havia passado mal em um dos hotéis e precisara ser conduzida ao hospital para receber atendimento e trata-

mento. Foi levada por Jade, que assinou os papéis de sua internação e ficou responsável pela moça doente. Ela se dispôs a me atender, me conhecer pessoalmente e me acompanhar na visita aos hotéis, o que, na verdade, seria mandatório. Isso porque não entram mulheres desconhecidas nos espaços, como uma medida de segurança para as trabalhadoras, que estão sujeitas a eventuais violências e rompantes de vingança de esposas traídas e trocadas naqueles quartos. Jade me expôs todas as obrigações que teria que cumprir previamente para que isso acontecesse, eu me coloquei à disposição de seus horários e possibilidades e assim nos acertamos.

Por ocasião, eu, de enxerida que sou, perguntei como estava a trabalhadora que ela acompanhava e o que havia acontecido com ela e recebi um *mind blown* (explosão mental) como resposta: a moça estava tomando laxantes e outros medicamentos fortíssimos para emagrecer, e não estava se alimentando bem, sentiu um forte mal estar e as colegas chamaram Jade para ampará-la e levá-la ao hospital durante uma madrugada. Fiquei intrigada ao saber de tal notícia. Por mais óbvio que parecesse uma trabalhadora sexual que vive de seu corpo adoecer ao tentar emagrecer, eu achei inesperado e doloroso, talvez por puro preconceito, já que existe uma concepção social de que elas são mulheres completamente bem resolvidas com seus corpos, seguras de suas sexualidades e, claro, uma “potência na cama”.

Me vi mais uma vez como que diante de um espelho ao conhecer uma das inúmeras fragilidades daquelas mulheres,

naquele universo... eu luto contra transtornos alimentares e depressão há anos, e sei que toda a pressão e necessidade por uma estética padrão podem se tornar uma insalubre obsessão que é praticamente invisível, tanto ao doente quanto àqueles que o cercam. Acho que talvez eu não esperaria isso de uma mulher com quem homens *pagam* pelo sexo, mas acredito que esse foi um ato de pura ingenuidade privilegiada. Algumas vertentes da indústria da beleza e opulência podem ignorar aquelas mulheres, mas outras lucram todos os dias com sua existência e a estética do erótico a que elas recorrem para sobreviver.

Uma mulher fragilizada que vive de seu corpo, e este fragilizado por essas dores e necessidades tão “primordiais e imediatistas”, que são ganhar dinheiro e sobreviver. Para elas, a dinâmica está além da harmonia em sua aparência: corpo e ideal de beleza são instrumentos de trabalho. Contudo, esse pensamento se transformou em uma contraditória falácia quando me enfiei nos hotéis adentro e vi aquela diversidade de corpos, idiomas, estilos e idades (tanto os dos clientes quanto os das trabalhadoras).

*Silhueta  
Silenciosa  
Vil  
na noite  
ao longe  
balanço  
se esconde*

Reservei um quarto em um hotel convencional, bem próximo a rodoviária e aos hotéis de prostituição, e decidi que me colocaria à disposição de Jade e suas companheiras, para elucidar (ou não) suas vivências como o acaso me permitisse, aquela coisa mística e demodê de “seja o que Deus quiser”, e Jade gentilmente contribuiu para isso. Preparei uma mochila e fui para a capital de Minas Gerais em busca de um refúgio proibido, frescor para a mente, observação e recordações, doces e amargas. Me encontrei com Jade numa tarde ensolarada de sábado, 11 de setembro de 2021, para um, de fato, gracioso almoço na zona.

Ao encontrá-la pessoalmente, minha primeira impressão foi de familiaridade... ela me lembrou as mulheres de minha família (pequena, gordinha, com traços bem definidos), estava de cabelos presos, short *jeans* e camisa do Coletivo Clã das Lobas, me deu um forte e apertado abraço, extremamente acolhedor. Uma mulher que exala força e vivacidade, de sorriso aconchegante e cheia de informações para trocar. Andamos um pouco, e em poucos instantes de caminhada ela encontrou uma conhecida gerente de um dos hotéis em que atuam as mulheres transexuais, me apresentou à colega e papeou um pouco sobre a mudança de gerência em um dos hotéis do hipercentro. Nos despedimos e se-

guimos caminhando... diversas pessoas a cumprimentavam com empolgação e nítida afetuosidade. Ela é uma figura conhecida e querida ali naquelas ruas.

Percorremos parte da Avenida Paraná, cruzamos a Praça Rio Branco e logo caímos na Rua Guaicurus. Jade me mostrava alguns hotéis, tanto ativados quanto desativados, e me contava um pouco da história de cada um deles. Eu simplesmente ouvia, embasbacada, cada palavra que saía de sua boca, com absoluto interesse e admiração... não sei se ela percebeu, mas eu queria colocá-la em um potinho de amor e guardar no meu coração. Isso porque ela emana tanta energia de vida, carinho, inteligência, sabedoria e poder, que eu estava totalmente maravilhada e só queria que o tempo e o mundo parassem para que eu pudesse ouvi-la para sempre. Contudo, eu apenas seguia os seus passos e me concentrava em guardar o máximo de informações possíveis em minha mente, já que minhas mãos jamais seriam eficientes o bastante para anotar tamanho conteúdo que ela destilava. E eu optei por não passar o tempo gravando e registrando tudo com dispositivos eletrônicos... preferi viver a imensidão daquela experiência de sentir e tecer sentidos.

*Eu me sinto bem  
depois que me dei a mão  
comigo dancei  
e improvisei  
como uma bailarina  
livre*

*e lúcida  
e louca  
bailando à beira do abismo  
e não foi nada demais  
é só que eu acho que deixei fluir  
e por tanto  
me perdoei*

Paramos na porta de um dos hotéis da Rua São Paulo, onde iríamos almoçar, e ela se dirigiu solícitamente ao segurança ao pedir que acionasse o gerente responsável para que pudéssemos entrar. Alguns instantes depois um senhor desceu as escadas e a cumprimentou com muito carinho e alegria, nos permitindo entrar e se apresentando a mim com um enorme sorriso no rosto... antes disso, porém, eu notei a movimentação de homens (ou, clientes) subindo e descendo as escadas rapidamente, e aí entendi a referência de “sobe e desce” a que algumas pessoas chamam os hotéis de prostituição daquela região.

Me dei conta de que eu precisaria passar semanas, meses, ou até mesmo anos perambulando e pesquisando em campo para entender o que significava tudo aquilo que eu via e, honestamente, pouco entendia. Contudo, posso me dizer bem satisfeita com o que pude conhecer, porque foi suficiente para atestar as potencialidades dos diversos fatores que me despertaram curiosidade e me afloraram diferentes sentimentos e emoções acerca desse universo cheio de vida, libido, energia motriz e desejo de explorar o desconhecido...

pontos determinantes para que nós pudéssemos seguir da primeira à última página aqui, pois sem eles não existiria o *affair* desta narrativa... mesmo que não seja diretamente apelativa ao erótico e ao sexo, essa me permitiu trabalhar e ativar o desejo e a *sentir e explorar* o tesão, nojo, medos, vontades, crenças, desejos e intimidades que me foram expostas e me permitiram achar pontos em comum com o que eu já ponderava sobre o universo do trabalho sexual, em especial durante a pandemia. Como imaginara, reconheci o meu passado naquele presente.

*O passado me persegue  
pendendo como um pingente  
pendulando em minha frente  
não sei como  
ele está (no) presente  
no cantinho da retina  
ou na mente?*

Subimos as escadarias e adentramos no Hotel Esmeralda. A minha vivência no campo começara. Eu preciso confessar que nada no enorme referencial teórico que passei meses estudando me preparou para aquela tarde de suor, corpos, nudez e torpor, creio eu... ou talvez eu esteja sendo absurda, considerando a facilidade com que eu assumi totalmente o papel de espectadora naquele espetáculo em que, na verdade, as mulheres dominam e os homens assumem seu papel submisso, por puro desejo.

Por diversas vezes me peguei temendo cair na armadilha do ego, ao tentar explicar aqui o quanto me surpreendi com a riqueza e potência do universo das trabalhadoras sexuais, de Jade, se comparado à ideia que eu tinha sobre ele. Talvez seja porque a concepção que eu carregava antes de visitar alguns dos hotéis correspondesse unicamente à perspectiva do meu umbigo, ou talvez fosse parte do imaginário social construído acerca das profissionais do sexo, o que acredito ser bem provável. Assim, de acordo com os protocolos acionados pelo meu próprio preconceito, eu imaginara que ali o ambiente seria triste, sofrível e decadente, e acabei confrontada por um espaço que despertou sensações dúbias, algo sexual mas não extremamente sexualizado, colorido e *alegre*. Sim, de certa maneira alguns daqueles espaços de trabalho sexual me soaram *alegres* e livres.

Mulheres transitavam livremente pelas dependências do hotel, algumas somente de *lingerie*, outras trajando roupas belas e picantes. Eu e Jade nos sentamos e almoçamos uma refeição caseira muito saborosa e caprichada, enquanto tomávamos uma garrafa de cerveja para aplacar o calor escaldante que, inclusive, favorecia a naturalização do meu olhar sobre os trajes daquelas moças... eu gostaria de me sentir *segura* o suficiente para andar de *lingerie* e biquínis por aí, e isso não é sobre querer exibir o corpo, e sim sobre sentir segurança com ele e consigo mesma. Elas podem fazê-lo por estar em um ambiente em que as re-

gras são orientadas para protegê-las, já que para ter acesso àqueles corpos os homens ali precisam pagar por eles. Invioláveis (Invioláveis?).

Eu via tudo com muita naturalidade - os homens transitando lânguidos naqueles corredores chamativos, com silhuetas típicas e suadas, as luzes sensuais e corpos pulsando no calor escaldante da meia tarde, as mulheres com seus seios, pernas e vulvas ostensivamente expostos como sendo o que havia de melhor em seus corpos (“o que é bonito é pra se mostrar!”), como diria uma de minhas avós) - ali naquele ambiente com desejos, luzes, sonhos e corpos... tudo piscando. Depois de certo período, o ambiente noturno o tempo inteiro é um pouco cansativo aos olhos e à mente, com luzes artificiais e som tocando alto... mas imagino ser algo necessário para manter a atmosfera do desejo acesa.

Dei espiadelas discretas em alguns dos aposentos que estavam abertos: a maioria das camas têm colchões de napa como os de hospitais e motéis, fáceis de higienizar; os quartos, alugados, no geral têm um pequeno espaço para a higiene pessoal das mulheres com uma pia e vaso sanitário; as janelas têm visão para as ruas, que não denunciam o que acontece hotéis adentro; objetos pessoais das trabalhadoras sexuais ficam dispersos ali e entregam um pouco da personalidade daquelas que os ocupam; a única regra é a presença de um interruptor que acende a luz vermelha; alguns quartos têm televisões antigas que, geralmente, exibem filmes pornô. Algumas trabalhado-

ras têm objetos sexuais e brinquedos do tipo, imagino que para lidar com os fetiches de determinados clientes e satisfazer suas fantasias.

Por incrível que pareça, o sexo está implícito e não exala no ambiente como quando se vai em motéis baratos ou “picos românticos” em que nós, mulheres heterossexuais ou bissexuais, acabamos por ir parar com homens de caráter duvidoso e personalidade alternativa, uma narrativa que eu já contei e que já passou pela boca de diversas das minhas amigas ou conhecidas. Existe um mistério na coisa toda. A música é exagerada o suficiente para não dar margem a ouvidos curiosos em busca de algo mais, os supostos gemidos não são revelados, tampouco as lágrimas que, certamente, correm e escorrem hotéis afora.

*Sai de mim  
sol  
sou seu  
afim  
saem  
lágrimas  
paguem-nas  
páginas  
sai assim*

Orgasmos. Eu ainda me pergunto se é isso o que os homens vão buscar nos hotéis. O ambiente não *arde* em sons e linguagens sexuais, a iluminação me remeteu a das boates retratadas nos filmes dos anos 80, algo entre atraente e de-

lirante; homens distintos - jovens, velhos, gordos, magros, limpos, suados, tatuados, estrangeiros, trabalhadores, aposentados, pessoas com deficiência, raças diversas - com suas peculiaridades perambulavam pelos corredores iluminados em um *neon* sedutor, trocando olhares com as portas entreabertas e o que elas escondiam: bocas, tetas, vulvas, histórias.

A diversidade está presente não somente nos clientes, mas também nas profissionais do sexo. Há mulheres de todos os tipos atuando: gordas, magras, jovens, velhas, de peruca, *mega hair*, tranças, cabelos naturais, tingidos, com pouca maquiagem ou com muita maquiagem, tatuadas e de pele limpa, uma miscelânea de perfis. Os corpos, seus corpos, carregam marcas e cicatrizes, celulites e estrias, gorduras e dobrinhas, seios fartos e também flácidos... são corpos reais. Os rostos têm olheiras de cansaço, como os de todas as pessoas que trabalham e lutam arduamente pela sobrevivência. Não há nada de extraordinário, assustador, imponente e infame nelas que não haja em todas as outras pessoas, em todas nós mulheres que vivemos e batalhamos em nossas realidades cotidianas.

Vi homens comuns com seus rostos comuns, boa parte deles pareciam pessoas que eu já havia visto antes em outras ocasiões da minha vida, apesar de, provavelmente, nunca ter visto nenhum. Passavam por mim e por Jade como quem passa por uma parede (ou um satírico objeto para alguns, que pareciam ver em nossa liberdade em transitar por aqueles corredores sendo mulheres e, talvez por estarmos comple-

tamente vestidas, como uma afronta), eu caminhando inebriada nos calcanhares de minha fonte, ela me explicando pacientemente tudo o que vinha à sua mente, aos meus lábios ou, ainda, nos saltavam aos olhos.

*Pegging.* O desejo do homem em ser penetrado, ter seu ânus possuído por uma mulher. É um fetiche (in)comum e, neste caso, um dos adjetivos que eu usaria para descrever a tão famigerada “zona” – que na verdade é definida por um sistema focalizado nas mulheres e suas regras, em que os homens entram, atuam e pagam – em que as trabalhadoras sexuais simplesmente trabalham com seus corpos e, assim, pagam suas contas. São elas, primordialmente, as condutoras do que acontece ali, e se quiserem podem simples e literalmente foder um cliente, assim como eles podem fazê-lo com elas se pagarem por isso. É intrigante: ao meu lado passam homens que se enquadram perfeitamente no arquétipo de “macho” dominante e, ali, estão submissos às regras da casa e, da porta do quarto para dentro, da trabalhadora que os atendem.

*Desconheço  
seu corpo  
seu peso  
sobre o meu desejo  
anômalo interesse  
pelo que não é seu  
julgamento  
cafona*

*e desconfortável  
se retire  
peço-lhe  
pois não exponho  
minhas verdades  
minhas vergonhas  
minhas falhas  
ao falo*

Algo nas figuras de alguns desses homens me provoca asco, imagino que com elas não seja diferente, e essas mulheres os aturam como comerciantes aturam um cliente qualquer. Uma parte de mim debocha disso, sorri misândrica por trás da mulher submissa que a minha mãe inevitavelmente criou. É ridículo pensar que homens de todos os tipos passam por ali e obedecem as regras - homens que espancam, assediam e agredem as filhas, namoradas, esposas, mães e boa parte das mulheres que cruzam os seus caminhos - e eu me questiono se essa suposta segurança hegemônica é garantida pelos seguranças e pelo gerente, que pairam silenciosos pelos corredores e se postam discretamente nas portarias, ou pelas trabalhadoras e o anonimato garantido pela entrada de um próximo cliente, e mais um, e outro... infelizmente acredito que tenho a resposta. Nós somos odiadas por sermos mulheres, homens usualmente só respeitam homens.

As trabalhadoras sexuais que são mortas em seu ofício não são mortas simplesmente por serem trabalhadoras sexuais, mas sim por serem mulheres, são vítimas da misogi-

nia e do ódio que paira a todo o tempo sobre nossas cabeças moles e frágeis - essa é uma verdade que eu já sabia e que foi reiterada pela própria Jade em nossas conversas. Ouvindo-a pontuar sobre a violência que eventualmente é praticada contra as mulheres profissionais do sexo, me recordo de que uma de minhas incontáveis entrevistas com ela acabou sendo interrompida porque estava exausta. Isso porque Jade passou toda uma madrugada amparando e atuando em favor das trabalhadoras, após uma gerente de um dos hotéis de prostituição ser assassinada a facadas por um cliente que não queria pagar o valor de um programa realizado com uma das profissionais, e se indignou ao ser interpelado pela gestora da casa em sua saída. Justamente uma mulher em um ambiente frequentado e geralmente gerenciado por homens. Infeliz coincidência? Infeliz sim, coincidência não.

*Viver  
é uma eterna aventura  
de brincar  
de último dia  
de vida  
Viver  
é um ato de morte*

Ainda sobre o que testemunhei no ambiente dos hotéis, eu descreveria no geral como sexual, mas não muito - ou talvez fosse a minha visão que, por ocasião, não buscava satisfazer os prazeres da carne ali - a famigerada “zona”

me chamou atenção por ser um ambiente comercial, ao que Jade pontuou ter relação com os hotéis da Guaicurus serem um mercado dentro de outros. As placas de identificação dos hotéis não são exatamente chamativas, eles se situam próximas a espaços comerciais diversos e se camuflam a eles... caminhar por aquela região é um verdadeiro estímulo ao cérebro, com excesso de sons, cheiros, luzes, pessoas, trânsito e a realidade da população em situação de vulnerabilidade e trajetória de rua escorrendo em preto e branco e carne viva bem ali.

Uma série de perguntas aparentemente aleatórias (por terem um certo caráter de atrevimento e vontade de saber mais sobre a obviedade do que se pratica dentro dos quartos) pipocavam em minha mente, mas me concentrei em conhecer e analisar com os sentidos atentos aqueles hotéis, suas particularidades e das figuras que ali circulavam, para poder pensar criticamente e ponderar sobre a manutenção do sistema de trabalho sexual durante a pandemia, a proteção das profissionais do sexo contra a doença e a miséria, e, inevitavelmente, o que aqueles homens *faziam lá* naquele momento. Na teoria isso não é de minha conta, mas na prática a presença ou ausência desses homens ali afeta toda a dinâmica da vida das trabalhadoras sexuais, e esse foi um dos gatilhos para a efervescência de Jade durante a pandemia. Esses desejos ocultos alimentam famílias, relações humanas, políticas e a minha curiosidade.

*[Curiosidade]*

*Qualidade do que é curioso, que tem grande vontade de saber.*

*Vontade de ver, de conhecer algo novo ou desconhecido.*

*Desejo descontrolado de saber sobre a vida alheia;*

*bisbilhotice, indiscrição.*

*Hábito típico e incomum de uma cidade, bairro, país.*

*Informação igualmente surpreendente e interessante.*

*Paixão, gosto por coisas raras, originais.*

# Capítulo 3





*[Efervescência]*

*Inquietação; excesso de agitação; estado de comoção,  
de excitação, de alvoroço.*

O meu principal desejo, e possivelmente pecado, talvez seja desejar que houvesse uma máquina capaz de traduzir pensamentos em palavras. Eu desejaria que houvesse um maquinário inteligente o suficiente para ser capaz de traduzir a miscelânea efervescente de sentimentos e emoções que sinto pulsando em meu peito e rodopiando em minha mente desde que estive na região da Guaicurus com Jade. Uma infinidade de questionamentos – atravessados pelas problemáticas sociais que tangenciam o tema da prostituição – rodopiam, débeis e lascivos, em minha mente, ao passo que reflito sobre as pessoas interessantíssimas que conheci naquele ambiente.

É necessário que saibam que todo esse projeto começou com uma pequenice e, talvez por ocasião ou sorte, tomou uma dimensão assustadora e impressionante com o passar do tempo. Eu acabei aprendendo que a vida e a realidade das trabalhadoras sexuais do hipercentro de Belo Horizonte é mais dura, crua e simples do que tudo o que eu havia ouvido sobre elas, ou o que eu estudei sobre a prostituição e comércio do corpo.

Não existem palavras na língua portuguesa que possam expressar meus sentimentos e emoções ao adentrar aqueles espaços, mas eu posso tentar: surpresa, temor, curiosidade, dúvidas, raiva, tristeza, amor e, em especial, *empatia*. Com uma ou outra conversa e observação eu entendi muito do que a sociedade com seu julgamento não consegue ver: é tudo

sobre dinheiro e provimentos. Tudo o que acontece ali, para aquelas mulheres, é sobre garantir o pão e de seus filhos, companheiros e familiares, e lutar pela sobrevivência.

Durante boa parte do processo de pesquisa eu tive oportunidade de dialogar com pessoas diferentes sobre o tema do projeto - nessas ocasiões eu acolhi uma miríade de reações: olhares temerosos; palavras como “nossa que tema forte”, “ah, é bem difícil né?”, “e você encontrou as prostitutas onde?”, “eu achei bem bacana, mas não faria”; olhares con- dolentes, de dúvida e de incompreensão - e notei que existe um conceito errôneo de que as trabalhadoras sexuais, em sua maioria, escolhem o sexo e viver da renda obtida ao mer- cantilizar seus corpos, ideal esse que se mostra substancial- mente equivocado, para alguns casos, de acordo com minha fonte: Jade pontua que quase todas as mulheres ali presentes trabalham com seus corpos pela grana, porque precisam.

*Necessidade  
fala  
corta  
como navalha  
grita  
mais alto  
que sua opinião  
sobre a minha  
humilde  
falha*

O “consenso” generalizado de que as trabalhadoras sexuais se afeiçoaram ao sexo, aos homens e ao culto à sexualidade provavelmente é amparado na moral religiosa e social, que marginaliza e associa essas mulheres ao pecado, ao obscuro, há séculos. Provavelmente por isso eu decidi insistir na importância de direcionar o meu olhar para as mulheres (em especial aquelas em situação de prostituição) já que tenho uma ligação pessoal com o tema e também fui oprimida por esse suposto ideal do que se espera de uma mulher socialmente adequada. A verdade é que a coletividade pode sim buscar conhecer, entender e aprender com essa classe trabalhadora, mas é mais fácil mantê-las lá... num lugar de marginalização.

Dói demais ser calejado pela vida, mas dói mais ainda reconhecer em nossas semelhantes a dor. Tem coisas que não desejamos ao nosso pior inimigo, mas que acabam por acontecer com diversas pessoas ao nosso redor, e isso revela que somos menos inéditos do que achamos ser. Somos ordinários, todos somos. Sempre que me sinto inferior a algo ou alguém eu faço questão de me lembrar de que aquele ser vivo caga. Sim, ele *caga*. Seres humanos que somos, por mais ricos ou pobres, glamourosos ou desgraçados, se comemos, cagamos. Cagar é sentir. Alívio que vem depois de um desconforto. Algumas coisas doem demais para serem ditas, algumas são como cagar: alivia falar sobre... já outras são inertes, não fazem diferença alguma em nossa realidade.

A tristeza é que estar nos hotéis me fez visualizar mais semelhanças do que diferenças com aquelas trabalhadoras sexuais, reconheci em um cantinho de um olhar a minha dor e parei ali por um segundo, que poderia ter sido uma década. Seria prepotente de minha parte dizer que me vi em todas as mulheres, quase que reduzindo-as à pequenez de minha vida e minhas experiências. Mas aquela que se abriu para mim, a Kethlen, me contou uma história dolorosa de abuso familiar (em que ela foi prostituída desde sua infância por sua própria mãe, que a aliciava e permitia que homens de sua própria família abusassem sexualmente dela quando criança e adolescente, o que a levou a sair muito cedo de casa para fugir de sua condição e lutar pela independência) que simplesmente ressoou em minha mente por horas após o nosso encontro. Suas palavras eram conhecidas de uma parte do meu ser ferido que vem se escondendo há anos, atrás de nem eu sei o quê. Desconheço a minha máscara mas, por bondade daquela mulher, conheci a de outra. Tem dores que doem mesmo sem doer na gente, mesmo sem nos pertencer. Dói demais.

Nessas circunstâncias, eu pude observar um pouco das características do trabalho daquelas mulheres e, inclusive, das mesmas. Pude ver a beleza através da dor. As trabalhadoras aprendem e perdem a crueza sexual ao longo do próprio exercício da profissão, não existe outra forma de se acostumar com o trabalho, que não fazendo-o. E as mulheres prostituídas nem sempre vivem somente de programas e do tra-

balho sexual, nem sempre são somente prostitutas, às vezes elas atuam em outros locais durante parte do dia ou noite e trabalham, também, nos hotéis em outro turno.

Fora do espaço de trabalho, pouco ou nada denuncia a condição delas de trabalhadoras sexuais. Elas se vestem de modo comum, portam trajes simples, acessórios simples, nada muito diferente do caráter de todas as mulheres trabalhadoras não envolvidas com a profissão sexual, que vemos em nosso cotidiano. Trajam jeans, tênis, camisetas, poucos acessórios... tudo de muita simplicidade. Algumas trabalhadoras escondem suas realidades de suas famílias e conhecidos, outras abrem o jogo e os corações para seus semelhantes.

*Vejo  
Cheia  
Dura  
Morta  
Sua opinião torta  
Sobre o nosso navegar  
A vida é erótica  
E perturbadora  
Como uma foda no mar  
Se aquiete meu amor  
E vá estudar  
Tentar conhecer seu destino  
Sem me perturbar*

*Porque cada um tem seu caminho  
e eu só dou meu carinho  
Para a sorte despida em minha porta*

Os preços de seus programas variam, R\$15, R\$ 30, R\$ 50, R\$ 70... tudo depende do que os homens vão querer delas, do tempo de duração, das condições em que o programa é combinado, entre outras questões que são negociadas dentro do exercício de cada indivíduo inserida trabalho sexual. Os programas mais lucrativos geralmente são aqueles que envolvem tabus (como o de *pegging*, realização de fetiches, sexualização relacionada à excrementos, etc.) e certamente mexem muito mais com o emocional delas do que os usuais, especialmente por se tratar de questões que são julgadas e questionadas pelo corpo social. E mesmo exercendo um trabalho marginal, elas fazem parte da sociedade e estão condicionadas à determinados posicionamentos do “senso comum”. Com o tempo, existe uma naturalização desses desejos ocultos dos clientes; contudo, lidar e acostumar com eles não deve ser simples... existe uma sagacidade nessas mulheres, e sabe-se lá a que custo elas adquiriram essas características.

Elas precisam pagar as diárias do hotel com ou sem trabalho, com ou sem programa. Isso significa que, em alguns dias, elas podem acabar pagando para trabalhar quando não recebem clientes, quando os programas não são lucrativos,

quando não estão saudáveis ou bem dispostas e não conseguem atuar o suficiente para arcar com a diária e ainda obter lucro. A vida dessas mulheres profissionais do sexo é muito humilde, os momentos de fartura e prosperidade são poucos, geralmente proporcionados por trocas, doações, divisões, reuniões, acontecimentos e ocasiões especiais.

É possível enxergar certa modéstia nessas moças, nos acessórios, nas pequenices, nos adereços, nas características delas. Elas se enfeitam sem luxo, mas aparentemente tentam se manter sob um determinado padrão, têm seu estilo. Não se sobrecarregam com sensualidade, mas se enfeitam e se portam com orgulho de serem quem são. É muito interessante avaliar como elas se misturam ao ambiente, mesmo destoando da movimentação e energia masculina forte e ressonante ali e da vibração noturna que o ambiente emite.

*Vibro*  
*Tanto*  
*Zelo*  
*Tento*  
*Sujo*  
*Espaço*  
*Adentro*  
*Soco*  
*Sonso*  
*Homem*

*Manso  
Mas manda  
Descalabro*

No geral, há uma grande presença de homens na região do hipercentro de Belo Horizonte, é um espaço ameaçador, masculino... e isso é reforçado dentro dos hotéis, ainda que o ambiente apresente, de certa forma, um quê de *alegria*, ele é cansativo e intimidador. Parece contraditório, e na verdade é sim. Alguns homens vão ali e, mesmo pagando pelo programa, usufruem das trabalhadoras de outras formas: bebem a cerveja delas, usam suas drogas, fumam seus cigarros, abusam da boa vontade delas e se esvaem.

Ainda que o ambiente seja regulado pelas mulheres, não tem a potência da energia feminina. As trabalhadoras dançam e ostentam seus corpos e características desejáveis, de modo a chamar a atenção dos clientes, outras se postam nas portas para estabelecer uma negociação mais direta. Não há necessariamente uma regra de vestimenta, ou nada contra a ausência delas, algumas ficam de traje completo (como shorts, camisetas, sapatos de salto, etc.), outras ficam de roupa íntima, enquanto algumas ficam completamente nuas. Cada uma trabalha à sua maneira, de acordo com o que precisa e como acha que deve... é um trabalho tanto pessoal quanto profissional, em que a figura da mulher sensível se mistura à figura feminina sexualizada.

A composição dessas personas é intrigante, assim como muita coisa no universo em que estão inseridas. Existe uma honestidade na postura, na imagem e na fala delas, são sinceras, diretas, cruas, específicas com a maioria das pessoas e, em especial, os clientes. Acredito que o mistério seja um elemento que abre precedentes que não são positivos para elas (estando sujeitas a golpes, furtos, furo nos combinados, etc.), portanto essa clareza pode ser uma forma de estabelecer tudo o que deve ser negociado antes do começo do programa e evitar transtornos ou prejuízos.

Acontece de as trabalhadoras se ajudarem e se ensinarem, mas isso não impede o desenrolar de questões problemáticas, atritos, divergências e até mesmo brigas corpo a corpo entre elas. O amparo que oferecem umas às outras vem por identificação, mas não significa que exista afeto entre todas elas. As mulheres ali tentam se apoiar como podem, e evitam ao máximo as situações em que elas possam ser machucadas, feridas, agredidas, violentadas. Isso porque seus corpos são instrumentos de trabalho e corpos doentes não produzem. Mesmo com a segurança dos hotéis, elas ainda estão sujeitas a diversas formas de violência depois que o cliente fecha a porta e adentra o quarto, então é importante que elas estejam atentas e tentem ao máximo se preservar. É responsabilidade delas protegerem a si mesmas, senão, quem o fará?

Eventualmente, os clientes não quererem usar os métodos de proteção individual (tanto o gel lubrificante quanto

os preservativos, que são as principais proteções das trabalhadoras sexuais) e as trabalhadoras ignoram as negativas para a sua própria proteção, pois um corpo ferido, adoecido, contaminado, não trabalha e o desejo de um único cliente é irrelevante, já que elas fazem diversos programas ao dia.

*Ignoro  
o seu pedido  
o seu desejo  
que me queima  
e deixa torta  
zanga  
sua  
encalha  
e eu que me proteja  
para que não seja morta*

Algumas trabalhadoras, Jade entre elas, conservam clientes fixos, que as auxiliam e ajudam-nas a se manter. Elas podem, de certo modo, contar com eles. Acontece também de alguns homens se apaixonarem e declararem amor por algumas dessas moças, o que nada significa, porque nem sempre elas vão deixar a vida da prostituição por estes homens. Para isso, é necessário que eles estejam prontos para acolhê-las e às suas vidas pessoais, que muitas vezes envolvem filhos, família, problemas e todas as inimagináveis questões particulares e subjetividades relacionadas às vivências pessoais dessas mulheres. Além disso, é importante que a oferta deles a elas seja mais interessante do que a vida de trabalho sexual, e geralmente não é. Assim, elas costumam se ater ao objetivo

delas: dar prazer aos homens que por ali passam e receber seu dinheiro, nada mais.

Pessoalmente, eu acredito que as promessas, ofertas e gorjetas oferecidas por certos clientes após alguns programas envolve mais uma questão de poder, culpa e controle do que necessariamente o apreço dos homens pelo serviço prestado. Todavia, essa é uma opinião pessoal que vem da minha própria noção sobre o dinheiro: ele é uma forma de expressão de poder. Dificilmente as pessoas abrem mão de seus recursos financeiros, exceto para obter algo necessário ou alguma vantagem... talvez, essa consista em ter o ego massageado.

Apesar dessa frieza que envolve a mercantilização do corpo, muitas vezes os clientes não querem apenas isso. Eles também querem conversar, trocar experiências, se expressar, ouvir e serem ouvidos livremente... em algumas ocasiões, eles se interessam pelas histórias pessoais dessas mulheres, além de desabafar sobre as suas próprias durante o programa. Isso pode ser algo tanto positivo quanto desconfortável. Positivo porque o tempo passa e eles pagam... desconfortável porque podem querer realizar o programa e não pagar pelo tempo de conversa ou, ainda, tagarelar insignificâncias na cabeça dessas mulheres, que simplesmente podem não estar afim de ouvi-las. Nem sempre a história do outro nos é interessante, nem sempre estamos dispostos a servir de terapeutas. Às vezes só queremos fazer o que pre-

cisamos e acabar logo com o drama que é suportar estar na presença de terceiros quando só queremos a nossa própria companhia.

*[Suportar]*

*Resistir; aguentar algo doloroso;  
manter-se firme diante de uma situação desfavorável.*

*Tolerar; aceitar sem se opor*

*Aguentar; não ceder ao que está sobre.*

*Ter capacidade para transportar ou segurar.*

# Capítulo 4





*[Óbvio]*

*Cujo teor é de fácil entendimento;  
que salta aos olhos; claro e evidente.  
Que não é suscetível de dúvidas; em que não há incerteza;  
evidente ou incontestável.*

A pandemia persiste. Alguns clientes de máscara, assim como algumas trabalhadoras. A brancura e o brasão em alguns cartazes atraem meu olhar: a prefeitura de Belo Horizonte esteve ali para estender anúncios de conscientização sobre as medidas de prevenção contra a COVID-19. Contudo, essa ação é irrisória ao pensarmos a dimensão das problemáticas atravessadas por essas mulheres ao longo da pandemia. Além de que, o protocolo ali é apenas promover a conscientização, visto que o governo não fornece nenhum tipo de material para a higiene, biossegurança ou manutenção da saúde das pessoas que passam por aquele espaço dos hotéis. Uma nítida falha, na minha opinião, no processo de gestão das políticas públicas pela saúde durante a pandemia, não somente da prefeitura de Belo Horizonte como também de todo o governo brasileiro.

Para uma pessoa que está com o dinheiro contado, pagar R\$3 ou R\$5 em uma máscara não é uma opção porque paga, também, um pacote de macarrão ou uma parte de uma refeição. Comprar álcool, em qualquer estado físico de sua matéria, não seria prioridade em um momento em que absolutamente tudo no custo de vida encareceu e o fundamental se converteu nos suprimentos básicos para a sobrevivência. E sim, o uso de máscaras e álcool para a higiene das mãos funciona e é necessário; contudo não existe a opção de pensar em higiene quando se está com fome. E foi essa a realidade que bateu, não somente nas trabalhadoras sexuais, como também em toda a população pobre do país que foi brutalmente assolada pelas mazelas sociais ao longo da pandemia.

Cada centavo conta e, neste ínterim, a falta de dinheiro resulta em falta de clientes, que também estão de bolsos vagos e não podem gastar com banalidades, como o sexo. Ver o vazio nos corredores é tanto desafogo, em função da pandemia e da biossegurança (problemáticas essas que são, já comprovado cientificamente, acentuadas com as aglomerações), quanto desespero, porque significa também o vazio nas carteiras dessas mulheres que precisam pagar as diárias dos hotéis, independentemente de terem tido lucro nos programas ou não, além de um vazio em seus estômagos. Eu indaguei a Jade sobre este funcionamento dos hotéis de trabalho sexual durante a pandemia, como tem funcionado e porque eles permanecem abertos. Ao que ela me responde:

*“Os prostíbulos, que aqui dentro de Belo Horizonte são os hotéis, estão funcionando. Ficaram fechados por um tempo, e nós fizemos todo um trabalho [de conscientização e biossegurança] para reabrir. Não que a gente queira dar continuidade [ao trabalho sexual na pandemia], não... nós precisamos tirar as mulheres da rua. Porque fechou e ficou todo mundo mais exposto ainda na rua, à violência e a tanta coisa... nós fizemos um acordo, fizemos protocolos [de segurança] para reabrir.”*

Talvez seja algo óbvio, mas ainda assim esclareço que as trabalhadoras sexuais vivem em situação de vulnerabilidade, porque podem conseguir fazer os programas para se sustentar e também podem simplesmente não atender ninguém, por falta de procura. E essa situação se mostra especialmente acentuada no momento atual em que, mes-

mo trabalhando, todas as trabalhadoras estão vivenciando a fragilidade social, porque estão sem clientes e, quando os atendem, acabam recebendo um valor irrisório por cada programa. Entretanto, elas seguem tentando... e as motivações para aquelas mulheres atuarem ali são diversas, desde cuidar de si e de suas famílias e alimentar seus filhos, até ajudar os pais, dependentes, amigos, conhecidos, por terem relações familiares complicadas, ou, inclusive, estarem em trajetória de rua.

Elas são vítimas da vida e do destino? Não. Estão na profissão por escolha? Não conheci todas as trabalhadoras sexuais do planeta, mas acredito que boa parte delas, senão todas, busca se cuidar, sustentar e à sua família; tenho para mim que nenhum ser humano trabalharia se não precisasse, eu acredito, talvez errônea e ingenuamente, que o fazemos por mera necessidade. Às vezes eu me pego imaginando como seria se não precisássemos urrar para pagar as contas e viver com o mínimo de dignidade, acho que seria uma realidade de completa paz. Contudo, tenho plena noção de que isso é utopia... mas (ainda) não precisamos pagar para sonhar.

*Sonho tanto  
sonho alto  
grito  
ouço  
estanco*

*o passo  
sangue  
manco  
sonho tanto  
notei que o muito  
na prática  
é bem pouco*

Eu tive também a oportunidade de visitar um hotel de trabalhadoras sexuais transgênero. Notei uma clara diferença no ambiente, desde a música (que era mais voltada para o público LGBTQ+ e produzida por artistas LGBTQ+), até as cores, sons, características dos frequentadores, gerência, e, claro, as trabalhadoras propriamente ditas. Percebi uma menor presença de homens naqueles corredores, enquanto nos outros hotéis eu visualizei mais possíveis clientes perambulando pelo espaço afora... contudo, havia várias portas fechadas que, possivelmente, denunciavam que havia sexo quarto adentro.

Passei por algumas trabalhadoras trans e, ao contrário daquelas presentes nos hotéis de mulheres cisgênero, não pareciam surpresas ou incomodados com a minha presença ali, como se eu pouco ou nada fizesse diferença no cotidiano delas, e eu adorei ser lida como um mero instrumento decorativo... ao passo que nos hotéis de mulheres cis eu pude perceber alguns olhares de estranhamento, vergonha, desconforto, curiosidade e afins voltados para a minha pessoa.

Mesmo estando com Jade, que é uma figura ativamente conhecida naquele meio, as profissionais pareciam intrigadas com a minha presença ali, talvez por saberem que Jade não se movimenta sem propósito e nem aparece nos hotéis em vão. O tempo inteiro ela me apresentou como sua amiga... não mencionei a praticamente nenhuma mulher que eu estava fazendo um trabalho jornalístico, exceto em duas oportunidades que tive de dialogar diretamente com suas colegas que estavam em serviço.

Como me propus a vivenciar e sentir a atmosfera de forma mais passiva, não me dei ao trabalho de explicar o que estava fazendo ali, preferi ouvir, observar, absorver, testemunhar e acompanhar aquela vivência de modo a interferir o mínimo possível no ambiente... eu não queria que as minhas observações pudessem ser contaminadas pelo desconforto delas diante da presença de uma figura desconhecida, além do que, naturalmente, já estava acontecendo de estranhamento ali. Tenho plena ciência de que algumas pessoas ficam completamente desconfortáveis na presença de jornalistas, entrevistadores e pesquisadores. Assim jamais tive a intenção de levar as trabalhadoras a terem esse olhar sobre a minha figura. Não queria que elas se sentissem analisadas, sob escrutínio, apenas queria passar pelo espaço da forma mais neutra e impassível que pudesse.

Inclusive, em uma oportunidade de aproximação com uma das amigas de Jade, ao nos portarmos diante da entrada de seu quarto, ela, que estava completamente nua, aparen-

temente se sentiu um pouco desconfortável diante dos meus vaporosos olhares, que eu desviava com delicadeza, e, assim, ela se cobriu, abraçando uma almofada. Sua linguagem corporal, expressão, sociabilidade, diálogo e afins mudaram completamente depois de se ocultar. É como se ao estar nua ela estivesse vulnerável aos meus julgamentos, olhares, conjecturas, avaliação e interesse, e existisse uma tensão provocada pela exibição de suas intimidades.

Após se tapar ela se abriu, conversou comigo, sorriu, se interessou pela minha presença e pela motivação de eu estar ali. Foi uma das únicas a saber o propósito da minha visita naquela casa. Eu me recordo bem de seus fulgurantes olhos verde-azulados, profundos, cabelos loiros, um sorriso maior do que os vincos em seus olhos cansados... olheiras roxas, expressão terna. Como pontuei, testemunhei diversos paradoxos, dualidades, luz e sombra naquelas mulheres.... assim como em nós mulheres que não estamos inseridas no trabalho sexual, assim como em quase todas as pessoas no planeta, nenhuma delas é necessariamente só boa ou má, elas são inteiras.

*Rasgo  
o véu da vida  
a ver o que tenho  
para ver  
ali  
rujo*

*urjo no encanto  
do doce amargo  
que é viver*

A vivência daquelas mulheres enquanto trabalhadoras sexuais não está completamente condicionada a um baixo índice de acesso à alfabetização e à escolaridade (mesmo que se relacione com essas questões), a circunstância comum é a busca pelo sustento, além de o mínimo de dignidade para viver. E, ao contrário do que muitos preconceituosos pronunciam em uma falsa noção acerca desta profissão, *não* é um dinheiro *fácil*, é um dinheiro suado, sofrido, que envolve sexo, sangue, sentidos, suor, humilhações, exploração, entre diversas outras questões que tangenciam as nuances relacionadas ao ser profissional do sexo.

Contudo, independente das questões que envolvam a liberdade, o desejo ou condicionamento da mulher em atuar no mercado de trabalho sexual, elas estão mais expostas à contaminação pelo Coronavírus e a outras doenças, incluindo as IST's (Infecções Sexualmente Transmissíveis), além de trabalharem em um mercado de renda flutuante - o que significa que podem tanto receber muito, quanto receber nada, de acordo com a clientela e as oportunidades do dia. Outro ponto importante é que a Guaicurus tem um sistema de prostituição "único", em que a própria trabalhadora faz seus horários e maneja seu trabalho, pagando a diária pelo

quarto do hotel e recebendo seus clientes ali conforme suas necessidades ou possibilidades.

Uma das questões principais (além dos diversos fatores que atraíram a minha atenção durante a vivência percorrendo os corredores e escadarias dos hotéis), que veio em minha mente, foi o prazo inexistente para as trabalhadoras sexuais. Não existe um tempo definido em que elas estarão submetidas àquelas condições, não existe uma garantia de que, se elas não puderem atuar nos hotéis, ainda assim estarão amparadas com o básico. Essa é uma situação complexa que assola diversos indivíduos da massa trabalhadora que atua na informalidade no mercado de trabalho brasileiro. Todavia, mulheres sempre têm sua condição como um agravante e, ainda assim, são esquecidas pelo Estado.

E nessa reflexão, pude observar o quanto o trabalho de Jade é importante para a saúde e segurança das pessoas que ela ampara e, inclusive, daquelas que, mesmo não precisando imediatamente, sabem que podem contar com esse apoio. Um espaço de acolhida para mulheres em situação de vulnerabilidade representa o mínimo e também parece uma demanda social óbvia, contudo essa não é a realidade daquelas que precisam destes serviços, visto que os abrigos e casas de apoio oferecidos pelo governo e ações sociais geralmente contemplam homens.

Apesar dessa óbvia falha, alguns grupos sociais se organizam em prol dos seus direitos, o que explica a existência

de casas de apoio para pessoas LBGT+. Porém, essas casas não são direcionadas para mulheres cisgênero, em especial as em situação de vulnerabilidade e trabalhadoras sexuais; as demandas femininas são diferentes, o acolhimento que deve ser oferecido a trabalhadoras sexuais é diferente daquele a ser oferecido a mulheres que estão em trajetória de rua, que deve ser diferente do acolhimento a ser oferecido a mulheres violentadas, e daí por diante.

Assim, Jade, enquanto trabalhadora sexual, tem muito a contribuir nas ações e políticas públicas e não deveria ser a responsável por torná-las uma realidade, quando, no entanto, simplesmente o faz por necessidade, não por possibilidade e disponibilidade, já que as palestras, reuniões e ações realizadas em parceria com o poder público tomam boa parte do seu tempo e *não oferecem remuneração*, nem valor de transporte e nem alimentação. Isso é me é inquietante, porque a sua atuação como conselheira Municipal pelos Direitos das Mulheres e na Rede de Enfrentamento de Violência Contra as Mulheres de Minas Gerais são papéis diretamente ligados ao bom andamento e desenvolvimento das políticas públicas de proteção e bem-estar das mulheres... ela cumpre um papel que poucas pessoas na sociedade civil estão interessadas em representar e contribui para as noções acerca da necessidade das mulheres na sociedade.

Por que não destinar verba pública para essas mulheres, esses agentes de transformação social, se todos os envolvidos na política recebem para isso? Eu, enquanto mulher, me

sinto bem representada ao saber que ela atua pelos nossos direitos tanto no município quanto no Estado, e acharia justo que uma mínima fração dos valores de impostos que eu pago fosse destinado ao financiamento e apoio a essas pessoas. Por que não apoiar e investir nas mulheres que estão socorrendo mulheres? Por que não auxiliá-las financeiramente para que possam mapear as principais demandas de saúde da mulher? Eu não sei o motivo pelo qual os gestores não o fazem, mas acredito que seria um bom passo para a manutenção dessa articulação entre o poder executivo e os representantes da sociedade civil.

Pergunto a Jade sobre os lugares que as trabalhadoras sexuais, como ela própria, têm assumido na política. Ela menciona a luta de seu coletivo e das associações de trabalhadoras sexuais pelos espaços oficiais e sua representação nos conselhos responsáveis pela saúde mental e sexual da mulher em Belo Horizonte:

*“Notícia nova: nós estamos ocupando todos os espaços! (...) E nós temos um propósito que é trazer a nossa realidade, expor a nossa realidade. Eu falo do meu jeito assim, e dá para entender. Elas [entidades responsáveis por políticas públicas pelas mulheres] entendem a minha luta, elas entendem o que a gente precisa. (...) Então a gente tá na política também! A gente está brigando por tudo e temos que ser políticas também, eu não gosto de política, mas nós temos que conhecer política. Eu detesto política, mas a gente tem que fazer a politicagem.”*

E ao aceitar esses cargos e tomar para si diversas outras responsabilidades (que contemplam a sua figura enquanto ator político-social e organizadora do Coletivo Clã das Lobas), ela assumiu as rédeas de um trabalho social que é *infindável*. Enquanto houver comércio sexual em Belo Horizonte haverá demandas para ela atender, as quais ela tenta limitar aos aspectos de saúde e segurança das trabalhadoras e mulheres vulneráveis, e, quando não são de sua alçada, ela sabe exatamente como e a quem direcionar essas mulheres para que sejam adequadamente atendidas e amparadas (seja por órgãos responsáveis ou por profissionais capacitados para tal, sejam eles voluntários ou funcionários do estado). É importante ressaltar que esse limite veio como um incentivo para a própria atuação de Jade enquanto agente política, papel que assumiu, principalmente, no começo e durante a pandemia.

*Transformada  
mudou  
por tudo  
uivou  
para o nada  
lutou  
pela vida  
acolheu  
a ninhada*

Saúde. O que é saúde para uma trabalhadora sexual? Imagino que você, você mesmo que está lendo este livro,

pensou imediatamente em IST's (Infecções Sexualmente transmissíveis), certo? Se pensou, você está desinformado. Se não, parabéns pela criatividade. A primeira ideia que vem à mente ao se imaginar as doenças de um corpo que habita os corredores e o submundo do sexo naturalmente seriam relacionadas ao mesmo, no entanto, vou aproveitar a ocasião para fazer um gancho à conscientização: de acordo com o Boletim Epidemiológico HIV/Aids, as infecções vêm crescendo entre a população jovem nos últimos dez anos, com um aumento de 64,9% na população de 15 a 19 anos e 74,8% nos jovens de 20 a 24 anos. A doença que mais cresceu na última década foi a sífilis, de acordo com um comparativo entre os dados do Boletim de Sífilis e de outros boletins de Doenças de Condições Crônica e Infecções Sexualmente Transmissíveis, que são resultado, primordialmente, de um descaso com o uso de preservativos, o que é evitado por trabalhadoras sexuais.

Isso não significa que elas não façam sexo desprotegido ocasionalmente - algumas têm seus companheiros, outras cobram a mais pelo ato, outras não o fazem e a vida segue. Contudo, elas *não são* a única população afetada, tanto quanto as pessoas LGBT+, que sofrem uma dose a mais de preconceito por tais questões. Novamente o trabalho de Jade pipoca e se enlaça com as questões que fervilham em minha mente e que agora estão tecidas às de quem nos lê. Ela atua na arrecadação de métodos de proteção individual e outros recursos para a saúde sexual das trabalhadoras, fornecendo preser-

vativos, lubrificantes, produtos de higiene e outros insumos primordiais para a biossegurança no trabalho sexual.

Porém, essa elucidação foi apenas uma provocação em se tratando dos direitos à saúde sexual feminina. O foco principal é que a saúde se mostra algo muito mais *amplo* e *profundo* no corpo daquelas mulheres, e reduzi-la às suas questões enquanto trabalhadoras sexuais seria, no mínimo, limítrofe e improdutivo.

Assim, visualizo a saúde dessas mulheres como que dividida em setores e suas capilaridades, visto que diversos aspectos contemplam e constroem esse conceito, como a alimentação, acesso a serviços de saúde pública, dispositivos de proteção e redução de danos no trabalho sexual, acesso a higiene e alimentação mínima, acesso a serviços de saúde mental, entre outros dos diversos âmbitos que compõem o quebra-cabeças da *saúde feminina*, que é muito mais vulnerável no caso das profissionais do sexo.

Nos dois anos em que acompanhei a trajetória de Jade eu pude avaliar que sua vida, seu trabalho e o próprio ativismo são atravessados, se não interrompidos, por questões *da realidade* com que ela tem que lidar - lidar mesmo, de verdade, enfrentando acontecimentos e fatos aterradores em primeira pessoa e, inclusive, tendo que resolvê-los e seus desdobramentos futuros - e que na verdade não são pessoais, mas acabam se tornando, já que ela trata aquelas mulheres conhecidas da vida como família. E elas acabam por assumir este lugar familiar, na realidade.

Um bom exemplo disso foi a já mencionada morte da gerente de um dos hotéis de prostituição, uma expressão máxima das violências que assolam diariamente o cotidiano das mulheres. Violências que pude ouvir Jade falar sobre quando, por diversas vezes, precisou me negar ou adiar a realização de entrevistas... ela estava ocupada demais atuando pela saúde, segurança, estabilidade e apoiando essas trabalhadoras, ao que eu sempre respondia: “Está tudo bem”. Afinal, sem essa ação não haveria nenhum trabalho.

O meu propósito aqui é registrar a potência e a força de uma mulher em amparar as suas semelhantes, não somente trabalhadoras sexuais, como também mulheres em situação de vulnerabilidade e, inevitavelmente, todas as mulheres que residem ou passam por Belo Horizonte (tendo em vista os seus cargos nos respectivos conselhos, que a inserem num lugar de representante de todas nós). Assim, por mais infelizes que fossem as ocasiões motivadoras das negativas, elas simplesmente endossavam a importância da figura de Jade: uma socorredora, uma luz que vem para as sombras que perseguem mulheres. Quando ocorre violência contra alguma profissional, Jade a leva para a delegacia e auxilia na formalização das denúncias. Quando sofrem mal súbito, Jade se desloca com elas para o hospital. Quando estão sem comida, Jade luta por doações e consegue alimentá-las. Quando estão desabrigadas, Jade as acolhe na casa de apoio que conseguiu montar para essas situações.

É um espaço que tem suas características e regras e funciona. Uma referência é que Jade não permite a manutenção dos vícios, realidade que faz parte da vida de algumas trabalhadoras sexuais em drogas ilícitas na casa de apoio - o que eu estimo ser uma forma de entorpecimento para suportar a dureza da realidade daquele trabalho - . Especialmente porque ela costuma acolher mulheres que passaram por situação de overdose, e isso faz com que ela tenha plena noção dos perigos de consumir determinadas substâncias diante de uma realidade que se constitui, primordialmente, em estar constantemente à beira do abismo que é ser marginal e vulnerável em uma sociedade de aparências, consumo, invisibilização e erotismo.

Ela entende as mulheres que fazem uso dessas drogas, contudo em sua casa de acolhimento (a primeira casa de amparo para mulheres em situação de vulnerabilidade e prostituição do Brasil) não é permitido o uso de substâncias entorpecentes. Elas estão ali para serem amparados, cuidadas, curadas, alimentadas, acolhidas... e não para se manterem em uma situação que piora a sua saúde, qualidade de vida, dignidade e inclusive pode colocá-las todas em risco, em função da situação de ilegalidade dessas substâncias (como a *cannabis*, *ecstasy*, cocaína, anestésicos, entre outros entorpecentes).

Por ali algumas mulheres passam, algumas mulheres ficam. Muitas vezes elas chegam apenas com a roupa do corpo, precisando de *tudo* o que uma mulher pode precisar.

Jade consegue doações, alimento, provimento e *dignidade* para que elas possam seguir seu destino. Não é que elas tenham prazo definido para entrar e sair, mas sim que ela dialoga com essas mulheres e as ampara em seu processo de ressocialização e estabilização. Se vêm de outras cidades ou estados e desejam voltar para suas casas, ela promove uma mobilização para que isso aconteça. Se precisam de cuidados hospitalares, ela as leva aos centros de atendimento especializados e as auxilia no restabelecimento da saúde e condições físicas para voltar ao trabalho. Se precisam de abrigo, elas ficam. Havia até mesmo uma gestante abrigada na casa porque não tinha onde morar e foi acolhida, recebeu doações e vive lá desde então.

Jade tem noções sobre diversas formas de amparar as mulheres de acordo com o que precisam, inclusive auxiliando-as no processo de obtenção de assistência jurídica. Muitas das trabalhadoras que são mães não recebem apoio dos pais dessas crianças, e nem se dão ao trabalho de buscar assistência jurídica para fazê-lo, pois essa é uma questão que exige certo conhecimento, muito tempo, esforço, documentações que elas podem não ter, entre outras responsabilidades e requisições feitas pelo sistema para que elas possam receber esse atendimento.

Dialogando com Jade, procuro entender como funciona a questão de ela e seu coletivo arrecadarem doações para minimizar o quadro de vulnerabilidade dessas trabalhadoras (que enviam para diversas mulheres em Belo Horizonte

e para várias cidades do Estado de Minas, inclusive a minha cidade natal, Itabira). Tudo acontece porque ela atua como representante das mulheres que não *podem* se apresentar, responder por si:

*“O meu trabalho é ajudar, não é expor as trabalhadoras. Eu tenho o controle de tudo [o que recebe e envia de doações], eu tiro as fotos pra mostrar que elas receberam. Nem sempre eu posto, para não expô-las, mas eu preciso ter aquelas fotos e aquela galeria para verem que nós estamos trabalhando. Você pode ver lá, a única pessoa que aparece sou eu, são poucas as que aparecem. Para, exatamente, a gente não ouvir: “tá vendo, dá a cesta básica e tem que tirar foto!”(...) Eu tiro para controlar, porque eu sei que eu recebi e encaminhei. E nós somos procuradas por alguém que faz um edital e recebe doações, quer doar... mas você precisa do nome, do telefone, do RG, do CPF, do endereço e de foto... quer dizer, a pessoa recebeu para fazer o trabalho, não quer [fazê-lo] e passa para mim, eu pego esses dados e faço o meu trabalho. Eu sou bem clara, se quiserem me dar eu pego, mas nada de fotos... posso passar o telefone, mas não passo endereço e informações nenhuma. Porque as mulheres daqui [na situação de prostituição] é o particular **delas**. Eu já perdi muita doação por causa disso, porque me pedem na entrega que eu pegue o nome, telefone, endereço e documentos dessas mulheres. Como é que eu vou chegar no quarto de uma mulher trans, de uma mulher cis, num quarto de uma trabalhadora e falar: “tá aqui o álcool gel, a máscara, agora me passe seu telefone e seu*

*endereço pra você receber”? Eu já fiz entrega de cestas básicas, fraldas, leite, eu recebi mais de mil máscaras, eu doei tudo isso e eu não peguei o número de ninguém... eu trabalho há vinte anos na Guaicurus, eu conheço todo mundo. Eu vou chegar [pedindo] me dá seu telefone, me dá seu RG? Não! Tem mulher que acha que eu vou fazer “macumba”, algumas mulheres são muito cis-madas... a gente tem que ter toda essa cautela. Aquelas que são mais “chegadas” pra gente, nós pegamos e conseguimos fazer as coisas assim... mas tem mulheres que não dão o nome, elas perdem as coisas porque não querem dar o nome nem o CPF. E também tem aquelas que podem ser procuradas pela justiça, a gente também não sabe e elas têm medo! Elas se defendem como podem. (...) o trabalho tem que ser cauteloso, tem que ser pensado.”*

Acontece também de algumas das mulheres perderem tudo, ou literalmente não terem nada, nem documentos que comprovem a sua existência... e ter o apoio de uma pessoa que saiba como conseguir lidar com essas demandas representa muito para aquelas que precisam. Todos nós já precisamos de ajuda em algum momento da vida, e é maravilhoso quando recebemos apoio, carinho e um tratamento digno de alguém que consiga nos enxergar e lidar com algo que, eventualmente, nós não conseguimos sozinhos.

A Jade muitas vezes atua como uma potencializadora da voz dessas pessoas, assim como também um bálsamo nos momentos de pânico, medo, violência, receio, entre outras

diversas situações de fragilidade e exposição à insegurança a que essas pessoas estão expostas. Atrasar ou remarcar uma entrevista, na verdade, representava para mim uma possibilidade de conhecer o seu trabalho mais a fundo, mesmo que o motivo fosse completamente triste, desagradável, desolador, desesperador... muitas vezes eu me vi emocionada e amedrontada mesmo sem estar no mesmo ambiente que essas mulheres, simplesmente por conseguir visualizar o temor delas diante de algumas situações.

Dialogando com Jade, acabamos por debater sobre as trocas de informações que promovemos, lugares de fala e essa ocupação dos espaços sociopolíticos pelas pessoas em situação de marginalização. Ela pontuou:

*“Eu não me incomodo de você, como Júlia, falar por mim e falar de mim. Mas você veio e me escutou. Como é que você vai querer falar sobre prostituição, se você não escutou uma de nós? Você vai inventar coisa da sua cabeça, porque alguém falou? Então, a gente respeita isso. Esse lugar de fala é: você vai falar sobre nós, você nos escutou. Não é eu ter que falar de mim, não. O povo acha que é assim, e não... a gente quer ser respeitada, a gente quer ser **ouvida**, a gente quer ser **replicada**, a gente quer tirar os estigmas da nossa profissão. Para [as pessoas] entenderem que a gente não é só prostituta, que a gente pode ser o que a gente quiser, que a gente está na política, os nossos corpos são políticos... que a gente está em todos os ambientes tentando progredir.”*

Aconteceu de eu me ver nela e pedir, sim, para representá-la em minha escrita. Simplesmente por ser mulher e conseguir me identificar com as tristezas e angústias que elas vivenciam, não necessariamente por serem trabalhadoras sexuais e sim, por serem mulheres. E a essência de Jade, essa grande e forte mulher que pode ser vista pelo corpo social como um objeto sexual, sujeita a ser lida apenas como uma vulva, é afeto. Ela é amor, acolhimento, fé, paz, segurança e estabilidade para pessoas que muitas vezes não têm nada além do que ela vem a oferecer. Vulvessência.

*Brilha só  
sob o sol  
brilha  
sob a noite  
sob a triste  
ressonante  
desarmonia  
brilha longe  
o diamante  
empatia*

Pessoalmente, eu sou contra qualquer tipo de objetificação dos corpos femininos... mas assimilei que não adianta negar que esses processos acontecem, seja por quaisquer motivos, portanto aprendi que a dignidade, acesso à políticas públicas, visibilidade, oportunidade de fala e exposição da vida dessas profissionais do sexo é a melhor e única saída delas para confrontarem a violência que sofrem dia a dia, seja esta promovida pelo corpo social, seja nas diversas oportu-

nidades e espectros dentro de seus cotidianos: com clientes, gerentes, donos de hotéis, companheiros, familiares, entre todas as pessoas que acabam por aprisionar essas mulheres no lugar de inferiorização e humilhação por sua condição no trabalho sexual.

Nem por isso elas são vítimas. São mulheres muito fortes que lutam rotineiramente pela sobrevivência, e atuam com os seus corpos para pagarem as suas contas, suprir demandas que estão muito além das questões financeiras, unicamente. Como dito, em alguns casos a fome que elas aplacam não é somente a fome física... isso para seus familiares, dependentes, amigos, colegas, conhecidos e todas as pessoas que se apoiam e necessitam dos recursos advindos dessas trabalhadoras. Elas são a esperança que enche também seus corações.

Existe uma certa contradição na legislação: atuar nos hotéis, prostíbulos, casas de cafetinagem, boates e afins é permitido... no entanto, caso um grupo de mulheres alugue um apartamento em conjunto para trabalhar com o sexo, por exemplo, é crime. Então, seria o problema, na verdade, o domínio da mulher sobre o seu corpo e sexualidade ao decidir se prostituir? Já que, na verdade, não há problema em elas serem exploradas? Essas ponderações e problemáticas podem ser resolvidas com a regulamentação do trabalho sexual.

A normatização das profissões sexuais é primordial para a garantia de acesso das mulheres a políticas públicas

(sejam de saúde, moradia, direitos, alimentação, sexual e reprodutivo, e etc.) e para a produção de dados sobre a prostituição, que poderia ser muito aprimorada caso o trabalho fosse regimentado. Independentemente de o governo e da população serem favoráveis ou não ao exercício do trabalho sexual, ele acontece.

É importante reconhecer isso e estabelecer os direitos e, inclusive, deveres delas no lugar social... quer a comunidade aceite, quer não, o trabalho sexual existe, e é ilusório pensar que a sociedade vai atingir um nível de desenvolvimento e equidade para que *todas* as mulheres (sejam elas cisgênero ou transgênero) consigam ter trabalhos com rendimento financeiro como o trabalho sexual. Negar a existência deste é negar direitos primordiais a essas pessoas, que estão em completa situação de vulnerabilidade.

*Pouco importa  
sua opinião  
sobre a minha  
trajetória  
torta  
que por você  
eu nem vivia  
somente estaria  
seca, dura e morta  
eu não ligo  
mas eu vivo  
pago minhas contas  
eu me sou abrigo*

*e para você que tem tudo  
a minha necessidade  
não deveria  
nem de longe  
representar perigo*

Ao trazer à luz as questões sociais sobre as trabalhadoras e reconhecer a necessidade de legitimar a sua existência e atuação enquanto tais, é possível também estabelecer paralelos sensíveis com as vivências delas. Todas nós mulheres somos desumanizadas e animalizadas em algum momento de nossas vidas, e passamos por situações que elas também passam... não é difícil estabelecer algumas similaridades entre as mulheres prostituídas e as não prostituídas. Todas temos o nosso psicoemocional tensionado e retesado ao máximo em algum momento de nossas vidas... eu creio que, para elas, isso acontece nos primeiros programas, que são os que costumam exigir mais do psicoemocional das trabalhadoras sexuais, e com o passar do tempo vai ficando menos difícil.

O trabalho sexual envolve um pouco de atuação, como o ato de ser mulher na sociedade também. As mulheres fingem de diversas formas: fingem gostar, fingem cativar, fingem alegria, fingem gozar. Algumas trabalhadoras conseguem atingir o orgasmo nos programas, é difícil e nada corriqueiro, mas pode acontecer. É um trabalho que mexe com as zonas erógenas do corpo, então elas estão sujeitas a isso. Inclusive isso me remete às questões do trabalho delas ser, relativamente, como outro qualquer: há momentos em que mesmo

odiando o nosso trabalho podemos sentir um certo nível de prazer ou alegria em fazê-lo. Um passar de mãos nas costas, toques mecânicos, mudanças de posição, certo silêncio da parte dessas profissionais denuncia que os programas não constituem nada além de trabalho.

Qualquer mulher que já se relacionou sexual e afetivamente com um homem pode se identificar, de certo modo, com uma trabalhadora sexual. O sexo que elas fazem é pouco ou nada diferente do que todas fazemos, exceto pelo fator financeiro. Pessoalmente, eu acredito que todas nós mulheres que nos relacionamos com homens já estivemos em um lugar de exploração, humilhação, exaustão... de não querer mas precisar fazer aquilo, de não ter a menor vontade, mas precisar comparecer. Sejam esposas, namoradas, ficantes, amigas coloridas ou trabalhadoras sexuais.

Todas já estivemos sob um corpo que pesava mais que o mundo, que nos incomodava mais do que um absorvente interno que passou tempo demais ali dentro e virou uma bigorna em nossa vagina. Partilhamos a dor de ser mulher, a dor de estar com machos, quando eventualmente preferiríamos estar em qualquer lugar que não ali. A dor de estar cumprindo um papel, seja ele o social ou profissional, que às vezes enche o saco, estressa e desgasta. Às vezes só trepamos, sem desejo, sem tesão, sem querer... Fazer amor é uma raridade em um universo patriarcal que ensina aos homens que o papel da mulher é servi-los. A sociedade não os ensina a nos amar.

Às vezes elas choram por trás das portas dos quartos, assim como nós choramos em nossos banheiros, ou no motel, ou na balada, ou na casa deles, em seus carros, em qualquer lugar. As crises de ansiedade, tristeza, questionamentos e temores vêm para todas nós... os homens, no geral, são programados para nos possuir a qualquer custo, enquanto nós crescemos ouvindo histórias lindas de “felizes para sempre”. E em que planeta essas educações convergem? Em que universo a posse dialoga calmamente com o romantismo? Em que cosmos a violência da dominação se conecta ao amor? Em nenhum. Nunca.

*[Convergência]*

*Condição do que caminha para o mesmo ponto ou objetivo: convergência de opiniões.*

*Qualidade do que é capaz de convergir, dirigir-se para um ponto comum.*

*Ação ou efeito de convergir, tender para um ponto em comum.*

# Capítulo 5





[Ser]

*Possuir identidade, particularidade ou capacidade inerente;  
Pertencer ao conjunto dos entes concretos ou das instituições  
ideais e abstratas que fazem parte do universo;  
Fazer parte de uma existência real; existir;  
Possuir ou preencher um lugar.*

[Mulher]

*Ser humano do sexo feminino, dotado de inteligência e linguagem  
articulada, bípede, bímano, classificado como mamífero da família  
dos primatas, com a característica da posição  
ereta e da considerável dimensão e peso do crânio.  
Indivíduos cujas características biológicas  
representam certas regiões, culturas, épocas etc.  
Aqueles cujas características biológicas definem o ser feminino.  
Aquele que deixou de ser virgem.*

A força e energia do ser mulher são movimentos ancestrais e misteriosos. Somos descendentes daquelas que carregavam suas crias nas ancas e o fardo do mundo nas costas. Carregamos em nosso ventre o segredo e a sacralidade da vida, o universo em nossos corpos. A energia e a potência transformadora da realidade são o que nos movimentam há eras. Basta uma espiadela na história das representações femininas para conhecermos o vigor de nossas raízes e o poder ameaçador de nossa união. Resistimos contra a violência, o machismo e o patriarcado há mais tempo do que a História e a Antropologia podem contar, e seguimos firmes na mudança da realidade dura que nos mutila, violenta, oprime e mata. Somos bruta flor, florescemos apesar dos pesares.

Essa resistência feminina está amparada em nossa afetividade, em “mulherismos” que propagamos entre nós como um segredo velado e guardado a sete chaves. Todas lutando pela sobrevivência e permanência, buscando tornar nossa existência aqui neste plano uma experiência menos dolorosa por meio da união. Basta reunir algumas de nós que encontraremos narrativas absolutamente similares em diferentes lares, corpos e trajetórias... porque temos semelhanças que vêm dessa luta pela existência. A busca por alimentar nosso corpo e alma e os de nossos parentes está em diversos lares. A mulher trabalhadora, seja ela qual for, luta com uma ferocidade primitiva, em prol de encher barrigas e preencher corações.

*Artista  
sangra  
luta pela permanência  
mulher  
energia da criação  
sobrevivência  
fera  
natural força  
utopista*

Resistir aos percalços oferecidos ao feminino em uma sociedade dura e masculina é nossa arte. Somos como água que percorre as pedras e vai moldando aos poucos a dureza daquela superfície que outrora parecia imutável. Vejam bem, quantos sofrimentos e desafios já superamos enquanto coletividade? Incontáveis. Insondáveis. Desconheço a incógnita daquilo que nos faz querer continuar e que, vez ou outra, prova que tudo vale a pena. Resistência. Resignação. Resiliência. A tríade primitiva que nos sustenta sobre tornozelos fracos e retorcidos, que perambulam sobre a triste realidade e que, na verdade, sambam ao ritmo da melodia do caos.

Todos os seres humanos vêm de uma mulher, todos os seres humanos conhecem uma mulher... seja ela fêmea biológica ou “construída” socialmente. E a partir do momento que conhecemos as mulheres, conhecemos a ferocidade daquelas que uivam pela permanência. Unidas somos, persistimos, nos apoiamos, este é o trabalho de Jade e daquelas que constituem o Coletivo Clã das Lobas: oferecer dignidade,

possibilidades e recursos para aquelas mulheres que uivam pedido de socorro; uivam porque precisam de apoio, uivam para a sua alcatéia. Meus olhos lacrimejam ao pensar na dimensão deste exercício que ela e suas companheiras ativistas fazem, me comove pensar nas cestas e recursos básicos cruzando as fronteiras dos bairros de Belo Horizonte e se capilarizando por lá e ao longo de todo o Estado... alimento para o corpo, alimento para a alma. Uivam juntas, em uníssono, amparando uma a outra com um afeto que pulsa e atravessa fronteiras por todo o Estado e que, vez ou outra, explode pelo país. Existe uma rede de trabalhadoras sexuais que se apoiam, acolhem umas às outras por conhecerem as minúcias da necessidade que passam.

Jade luta para que essas demandas urgentes se tornem menos dolorosas, agudas e incapacitantes... especialmente nestes tempos pandêmicos em que todas as mazelas sociais foram expostas a olho nu, em que nossa sociedade se deparou cara a cara com questões que na verdade sempre existiram, porém veladas e maquiadas por um falso progressismo. Digo falso porque nos iludimos coletivamente por anos... conhecemos, nos últimos tempos, tecnologias e transformações de encher os olhos, mas não a barriga. Porém, com o cenário de pobreza e miséria escancarado como um cânion que surgiu neste grande terremoto, abalando a nós e à nossa sociedade, fomos obrigados a encarar a realidade: nosso povo tem fome, tem sede, tem carências tão grandes e, ao mesmo tempo, tão

miúdas, que quaisquer gestos de apoio e amparo assumiram uma relevância incalculável.

Cada um luta pelos seus e alguns lutam por todos nós, como ela lutou e luta para socorrer essas mulheres prostituídas, que vivenciaram um temor e tristeza ainda mais profundos do que o das pessoas que não estão nesta situação. A essência desta mulher que é vista por muitos como uma vulva, um objeto, um corpo, transcende quaisquer estereótipos descabidos... ela não tem tempo para o que a sociedade pensa dela, pois está muito ocupada **agindo**. Algo que me impressionou foi a sua capacidade de prever as demandas e seu esforço em atendê-las antes mesmo que elas surgissem, como uma mãe que conhece seus filhos e sabe do que eles precisam, sem que eles sequer precisem pedir. Ouvi isso da boca das trabalhadoras sexuais que conheci nos hotéis que visitamos: “a Jade é como uma mãe para nós. Sempre que precisamos ela dá um jeito, ela está ali para nós...”.

Maria de Fátima Muniz, a “mãe” de milhares de mulheres, a mãe que ampara mães, que acolhe famílias. Uma mulher pequenina, que exala uma energia de acolhimento respeitável, que me remete à minha fé pela grande mãe detentora do útero cósmico que eu acredito que nos gesta a todo tempo e o tempo todo. Ouvir Jade e conhecer seu trabalho, o exercício resiliente que ela faz ao amparar suas, nossas semelhantes em diversas localidades, me remeteu o tempo todo aos pedidos silenciosos que faço em minhas orações...

peço pouco, quero dignidade e condições adequadas de vida. E ela atua por isso, pela permanência da vida e saúde das pessoas que precisam, seu ativismo contempla um número insondável de pessoas e escoia por capilaridade... uma cesta básica que vai para uma família pode ser dividida com outras que ela nem sequer conhece. O pão se parte e reparte. Alimento que contempla não somente corpos físicos, como emocionais. Milagre da multiplicação.

*Socorro transformador  
bruta flor  
se sobressai  
em meio ao caos  
pânico  
encanta a dor  
e a distrai  
com micro-ações  
que mudam o macrocosmos  
e não se esvai  
e não cai  
não calou  
brota ainda  
brota sim  
Bruta flor*

Este paralelo não vem para ofender ninguém, nem tampouco representar uma expressão de heresia, mas sim para personificar a verdade que vi ao visitar os hotéis da Guaicurus e ao ouvir as trabalhadoras sexuais que recebem o

apoio de Jade, quando falam sobre ela. Eu vi emoção verdadeira, alegria em serem reconhecidas por alguém que conhece as demandas dessas mulheres e sabe como ajudá-las, de modo a torná-las visíveis. Conhecer de perto a atuação pela mudança da realidade dos miseráveis, marginalizados e vulneráveis que estão ao alcance das mãos, a ação pela transformação de seus microcosmos, pela promoção da consciência sobre as necessidades de grupos invisíveis e pela manutenção dos direitos das mulheres em um enorme território me emocionou muito. Não pude deixar de lembrar do acolhimento que sinto em minhas próprias conexões pessoais com as manifestações da Mãe. Ressalto que aprendi muito, tanto, com essa mulher, que minha visão sobre a capacidade e a força feminina se amplificaram absolutamente. Podemos mudar o mundo com nossa capacidade de acolher, nutrir e acalantar.

Muitas vezes, o que pessoas em situação de vulnerabilidade precisam é de serem *notadas* e reconhecidas como seres que merecem atenção, que importam, que são *visíveis*. É comum o poder público apresentar falhas nesse processo, e é nesta ausência que as ações de ativistas e Organizações Não Governamentais (ONG 's) crescem e prevalecem... no caso de Jade e do Coletivo Clã das Lobas, ela entra e atua onde o poder público muitas vezes não alcança. Isso não significa que ela não atue em parceria com as entidades governamentais, pelo contrário, ela é uma das responsáveis por desvelar as demandas e necessidades da classe de profissionais do sexo

e das mulheres, em sua busca pela manutenção dos direitos femininos em Belo Horizonte, em todo o Estado de Minas Gerais e no Brasil.

Todas mulheres temos semelhanças com Jade, com as trabalhadoras sexuais e sua realidade... estamos sujeitas a uma série de questões que tangenciam nosso sexo, nossa existência e transformações para o arquétipo feminino. Eu pergunto a ela se gostaria de deixar uma mensagem para as pessoas neste livro, ao que ela responde que sim e pontua:

*“Como as pessoas não vêem né, Júlia?! Porque têm que entender que nós somos mulheres normais, somos mães, somos avós, tias, irmãs... nós não perdemos a nossa aura, a nossa essência, nossa sensibilidade. Porque não existe diferença entre nós com outras trabalhadoras. A única diferença é que nós exercemos o trabalho sexual. Usamos a vagina para trabalhar, para levar nossos alimentos, somos arrimos de família... e que tudo o que permeia as outras mulheres nos permeia também. Dores, problemas familiares, filhos, maridos... a nossa maior dor é o estigma. Mesmo exercendo um trabalho que é reconhecido, somos mães, avós, mulheres fortes... garantimos aos nossos o conforto do lar, dos alimentos... que a nossa luta é essa. Cuidar dos nossos filhos, da nossa família e tudo mais. Só que o meio que nós encontramos foi este! De sobrevivência, porque nós somos sobreviventes. E além disso nós estamos nos posicionando, né? Nós*

*não estamos mais aceitando os estigmas, os preconceitos, como várias mulheres que são de luta... mulheres vulneráveis, da quebrada, as do movimento negro, feminista e tudo o mais, nós estamos reivindicando nossos lugares e estamos unidas e lutando pelos nossos direitos. Mulheres que não aceitam, que já se declararam como trabalhadoras, se posicionando, tomando a frente, se reconhecendo, se respeitando e se fazendo respeitar. Trazendo voz para aquelas que até agora não quiseram, não se sentem à vontade para vir, mas algum dia vão vir... então essas somos nós as mulheres que exercem o trabalho sexual. Nós somos iguais às outras, em luta pela sobrevivência dos nossos... e o que nos dói é isso, o estigma e o preconceito. Nós estamos lutando como coletivo, como pessoa e como mulher, de ter o direito de exercer o meu trabalho com dignidade. E a nossa palavra é essa: que nos respeite. E não que nos aceite, pelo menos nos respeite, porque aceitar ninguém é obrigado a aceitar nada, mas do jeito que eles não são obrigados a nos aceitar exercendo o nosso trabalho, nós também não somos obrigadas a aceitar as pessoas nos ofenderem e terem preconceito contra a gente! Obrigada por tudo! Eu acordei hoje assim meio inspirada, tô aqui com meus gatinhos, estou na correria de sempre... e para mim é um prazer no próximo ano você vir conhecer, vim passar um tempinho aqui, nos acompanhar em nosso corre corre!”*

Essa fala de Jade é uma síntese de tudo o que ela representa para as pessoas que a conhecem, me foi um tanto quanto difícil conhecer o seu lado pessoal porque a sua vida é completamente voltada para o seu trabalho. Eu conheci dela o que me foi possível, dentre tantas histórias e informações sua figura pessoal se teceu àquela profissional que acolhe mulheres e que também me acolheu. Jade é uma mulher familiar, me lembrou tanto de mim quanto de minha mãe, cabelos curtos, tingidos, óculos de grau, um enorme sorriso no rosto, sua voz com um forte sotaque que não é nem nordestino e nem mineiro, carregado de pequenas regionalidades dos locais em que morou ao longo de sua vida.

Ela é mãe e avó, se dá bem com a família e tem uma boa relação com aqueles que lhe são próximos. Amante de gatos, falamos muito sobre esses bichinhos que nos são queridos, falamos também sobre a nossa fé, nossa capacidade de acreditar e fazer com que nossos sonhos sejam projetados na realidade. É uma mulher pequenina, como eu disse, e isso me surpreendeu muito ao conhecê-la porque falávamos tanto de assuntos complexos, dolorosos e pesados, que eu a imaginei como uma muralha, fortaleza. A Jade que eu conheci é como a maioria das mulheres com quem já tive certa intimidade e aproximação: mimosa, alegre, trabalhadora, sonhadora, carrega os seus defeitos mas transborda tanta coisa boa que eu não pude de fato identificá-los... acho que para isso eu precisaria acompanhá-la por muito mais tempo. Cheia de histórias para contar, tanto boas quanto ruins, nós

passamos por uma miríade de assuntos e, ainda assim, percebo que ela revelou pouco de si mesma, suas particularidades e vida pessoal, mesmo sendo uma pessoa objetiva e sem rodeios. Eu entendo perfeitamente, também não me sinto à vontade quando sob escrutínio de algum curioso, me sinto vulnerável.

Somos todas mulheres. E vulneráveis que somos, vivemos todos os dias uma infinidade de travessias e processos que nos fortalecem, ao mesmo tempo em que nos ferem e nos conduzem ao estado de atenção primitiva e feral da sobrevivência. Sofremos, lutamos, declinamos, persistimos.

*Sexo feroz  
contém todo o sabor do mundo  
mas não pede uma narrativa abundante  
dramaticamente suja  
inacreditavelmente  
e por mais que você tente  
jamais serei sua  
porque eu sou muito!  
Mais que suas palavras  
eu sou cobra anjo  
guiada por Deus  
e criada na rua*

Por tudo isso, por tanto, reitero que todas as mulheres têm algo em comum com as trabalhadoras sexuais: somos alvo. Somos mulheres. Contudo, não somos vítimas lângui-

das que percorrem caminhos determinados e destinos traçados... não. Somos senhoras de nossas vidas, e mesmo em situações degradantes e violentas nós ainda tentamos amar, e muitas vezes nossa afetuosidade é tanta que consolamos e protegemos nossos algozes. Não há uma de nós (seja fêmea biológica ou mulher *trans*-formada) que não experiencie situações de medo e opressão simplesmente por sermos quem somos.

Estamos unidas pela luta constante pela subsistência em meio a uma infinidade de tiranias que nos persegue, pelejamos pelo fim da carnificina que nos extingue, e é constantemente promovida contra nossas existências. O ódio e o cerceamento à liberdade e força feminina estão dispersos por todos os lados de nossa sociedade: estão em nossos lares; nas ruas; nas músicas, filmes, séries e produções culturais diversas; nos nossos governantes; nas instituições; nas igrejas; na história e às vezes até em nós mesmas. Nos julgamos, nos ferimos, nos criticamos... tudo isso é provocado por uma cultura que nos exige, forçosamente, do controle, responsabilidade e liberdade de decisão sobre o que acontece e o que fazemos com nossos corpos. Invariavelmente esta é uma das principais causas da marginalização e preconceito sobre as trabalhadoras sexuais. Contudo, é uma questão social muito maior do que elas e que se manifesta sobre todas as formas do ser mulher.

*Me trato  
Me amo  
Me tento  
Me abraço  
sou tanto  
diversa  
dispersa  
liberta  
sou quem?  
Não te interessa  
(sou e sou)*

Nós estamos sujeitas às durezas da realidade que maltratam as classes trabalhadoras e as pessoas em situação de vulnerabilidade, com uma pitada a mais de opressão e crueldade... e ainda assim conseguimos prevalecer. Mesmo que nos limitem, nos prendam, nos agridam, nos mutilem e tentem nos matar diariamente, nós não desistimos de resistir. Somos a maioria da população, somos força, potência, energia, somos afetos e resiliência. Somos alvos, mas também sabemos ser flecha.

*[Resiliência]*

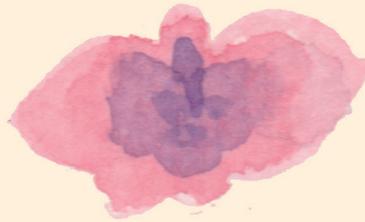
*Propriedade dos corpos que voltam à sua forma original,  
depois de terem sofrido deformação ou choque.*

*[Figurado] Capacidade de quem se adapta às intempéries,  
às alterações ou aos infortúnios.*

*[Figurado] Tendência natural para se recuperar ou superar  
com facilidade os problemas que aparecem.*



# Epílogo



*[Míngua]*

*Escassez; carência do necessário.*

*Penúria; pobreza excessiva.*

*Imperfeição; em que há defeitos.*

*À míngua. Numa situação de pobreza excessiva;  
que se encontra na miséria.*

(Relato anônimo de uma noite,  
expediente de uma trabalhadora sexual)

*“Ele chega tarde. Atrapalha outros compromissos e me destrutura por isso. E eu, que já não quero este encontro, desejo cada vez menos o momento de cumprir o acordo. Porém, penso nas cifras, nas notas, na grana. Preciso pagar a internet, preciso pagar as contas de telefone, preciso comprar comida, preciso respirar, por um mínimo minuto que seja, longe da preocupação de como fazer o dinheiro durar e passar do décimo dia do mês, preciso abrandar o sentimento de estar à míngua. Não quero estar ali naquele quarto, mas preciso. Ele não me atrai em absolutamente nada. E, como todo homem, acha que tem muita coisa a me ensinar... coisas essas que eu não desejo aprender. Na verdade só quero que ele cale a boca, suba em mim, goze e me pague. E ele, na verdade, quer que eu o deseje... sempre fui boa atriz, até mesmo quando a bile me sobe à boca queimando meu esôfago e garganta, e tento fingir que estou interessada por toda aquela bobagem completamente aleatória que sai de seus lábios finos e contornados por um bigode grisalho que me enoja. Tudo ali me enoja.*

*Eu já estou de banho tomado, com um pouco de maquiagem e um perfume forte e doce que uso para não precisar sentir os cheiros do meu trabalho... cheiro dele, do suor, do sexo. Tudo me nauseia. Não dá certo, ele pede que eu tome um banho porque diz que gosta do meu cheiro. E eu só quero chorar para afo-*

*gar a humilhação e a privação do básico e fugir dali... mas naquele momento estou trabalhando, como todo mundo. Tomo o famigerado banho, enquanto ouço o velho tagarela falar e falar e falar. Saio dali e nem me dou ao trabalho de vestir a lingerie, isso vai prolongar o processo. Quero que acabe.*

*Ele, ainda vestido, pega o lubrificante e enche as mãos... toca minha vulva (mas jamais minha essência, que está escondida e se recusa a se apresentar para aquele cliente) e fala sobre como deseja me dar prazer. Eu, entre engulhos, tento acariciá-lo e enfio minha cara em seu pescoço para que ele não perceba minha boca salivando de nojo e os meus olhos cheios de lágrimas. Estou trabalhando, dessa vez está sendo mais difícil. Tento logo tirar sua camisa e abrir sua calça, mas sou tão indiscreta e afoita que ele percebe e me censura: “eu não estou com pressa, vou te foder a noite inteira”. Nojo. Preciso pagar as contas.*

*Passo delicadamente as mãos por suas costas, não por carinho e sim porque, na verdade, tenho asco de tocá-lo. Ele enfia sua língua dura em minha boca, tentando lambe-la, que quase vai parar na garganta de tanto se encolher para fugir daquele encontro asqueroso. Os boletos não vão parar de chegar. Roço minha língua na dele tentando aparentar mistério, para disfarçar que aquele encontro está me sufocando. Preciso das cifras.*

*Seus dedos vasculham a minha vulva, penetram violentamente a minha vagina. Finalmente, consigo tirar a camisa e*

*ele tira a calça e a cueca. Vejo o pênis, decrepito, me ajoelho e o coloco em minha boca para que ele empurre o regurgito de volta ao seu lugar. Trabalho de estômago vazio para não correr o risco de vomitar. Chupo. Ele me deita na cama e diz que, como estou boazinha, ele vai me fazer um sexo oral... eu não consigo entender o que passa na cabeça de um homem que concebe chupar uma trabalhadora sexual, mas vou cobrar um pouquinho a mais por isso, portanto me calo. No ambiente, somente os sons do ato sexual... o silêncio me incomoda, e eu imagino que a ele também. Ele precisa achar que estou sentindo prazer.*

*Na verdade ele não me paga para gozar, ele quer alimentar seu ego agonizante ao conseguir dar prazer a uma prostituta... começo a gemer no ritmo das lambidas, que passam em lugares completamente aleatórios e não chegam nem perto de me provocar desejo ou me fazer sentir tesão, mas ele precisa achar que sim. É como se alguém tivesse me arrancado o clitóris. É como se sua língua fosse uma arma branca. Ele me dá machadadas ali, mas não percebe. Enquanto isso, uma de suas mãos inconvenientes penetra o meu ânus, eu odeio, mas vou cobrar a mais por isso. Apenas procuro o lubrificante e entrego a ele, para diminuir o meu desconforto. Finjo um orgasmo, daqueles performáticos que não enganam ninguém, exceto os homens que estão cegos pelo ego e demasiado cheios de si para perceber o outro.*

*Eu, na verdade, sou invisível. Meu ser pessoal se abriga em um cantinho confortável da minha mente e imaginação, eu só quero que aquilo acabe. Novamente, me dirijo ao seu membro e*

*o coloco na boca enquanto ele procura o preservativo... ele mesmo o coloca, começamos o ato sexual, ele por cima. E eu volto a esconder o meu rosto em seu pescoço, enquanto oro aos meus guias para aquilo acabar depressa.*

*Ele continua tagarela, eu continuo com a sinfonia de pretensos gemidos. “Eu vou te foder a noite inteira”, eu rezo para que não, enquanto penso no valor da minha hora... para o meu financeiro, seria melhor que sim. “Você gosta do meu cacete na sua xoxotinha?”, pergunta. Não, penso eu. Sim, respondo. Ele me pede que eu vá por cima, e ali ficamos pelo que parece uma eternidade enquanto eu respiro fundo para manter o ritmo e controlar o ranço que sinto de tudo aquilo. Como eu vim parar aqui? Me pergunto. Preciso pagar as contas, me respondo.*

*Ficamos ali pelo que parece uma eternidade, até que ele diz que vai gozar porque senão vai me matar de cansaço. Coitado. Mal sabe ele que o que está me matando é a necessidade de estar ali, o sexo está absolutamente distante de ser cansativo pelo esforço ou duração... o que me cansa é estar nessa situação, é precisar dela para lutar contra a míngua. Me posiciono em quatro apoios, enquanto ele fode. Fode. E fode. Minha mente segue tropeçando entre as pedras do total desespero, a lembrança de quantas contas aquela grana vai pagar e quantos dias a comida na geladeira vai durar.*

*Peço perdão a Deus por fazer isso comigo mesma, peço proteção aos meus guias. Ser mulher é estar sujeita a várias formas e expressões da violência, e na posição vulnerável em que estou,*

*sei que tudo que é ruim pode piorar. Ele goza, eu agradeço. Ele continua tagarelando e falando sobre si, sobre sua casa, sua grana, sua vida. Eu só quero ir, só quero que ele vá. Ele, novamente, me pede para tomar banho porque quer me ver ali, e eu não rejeito porque vou somar à conta... tomo o banho, sinto-me como um manequim numa vitrine, uma peça de carne num açougue, um defunto no caixão. Aquele banho não vale de nada, porque vou tomar outro quando ele se for, provavelmente sentada no chão enquanto choro e peço aos astros e ao divino por uma mudança (para melhor) na minha realidade. Me seco, me visto e me aconchego na proteção dos sorrisos falsos, da troca de conversa frívola sobre banalidades. A hora de cada um voltar à sua casa chega, assim como o momento de eu ver o meu dinheiro.*

*Quando o vejo contando algumas notas, uma após a outra, sinto que aquela injúria talvez tenha valido a pena. Recebi em uma noite o que algumas pessoas levam horas, ou até mesmo dias para acumular. Valeu a pena sim, mesmo que eu tenha sentido que deveria ter cobrado um pouco a mais. Eu me vou, ele se vai. Já em casa, faço novamente as minhas orações, tomo um banho demorado que limpa o meu corpo, mas não conforta a minha alma. O que me incomoda é não ter opções viáveis de trabalho que me proporcionem a renda que obtive com essas quatro horas de programa. Preciso ajudar minha família, preciso pagar minhas contas, preciso comer, preciso me vestir, preciso me calçar, preciso de transporte, preciso de tudo, e não é muito.*

*Preciso também me perdoar e esquecer... saio do banho, não uso nenhum produto (nem sequer desodorante), porque*

*quero me sentir limpa e, por contraditório que pareça, pura. Minha avó já dizia: “lavou, tá novo”, eu sou outra. A trabalhadora ficou no trabalho, no programa... o que restou dela saiu nas águas e desceu pelo ralo. Visto um pijama confortável, deito em minha cama com meus animais de estimação, dou play na minha série favorita e me descolo da realidade. Acabou.*

*Eventualmente eu durmo, enrolada em mim, que voltei à superfície e retomei o meu corpo. Sou uma mulher como qualquer outra, o meu trabalho é como qualquer outro. Quem é que, vez ou outra, não odeia a própria realidade? Creio que apenas aquelas pessoas que vivem sob o confortável lugar da não-vulnerabilidade. No mais? Padeço diante das necessidades básicas, como todo mundo. Sou comum como o “todo mundo”. Sofro, sangro, choro, sobrevivo, luto... me perco nos sonhos e pensamentos. Enquanto isso, resisto com meu sofrimento, me esforço para manter íntegra minha alma (que se equilibra diante do abismo da fome e da carestia) e para blindar meus sentimentos.”*

*[Sofrimento]*

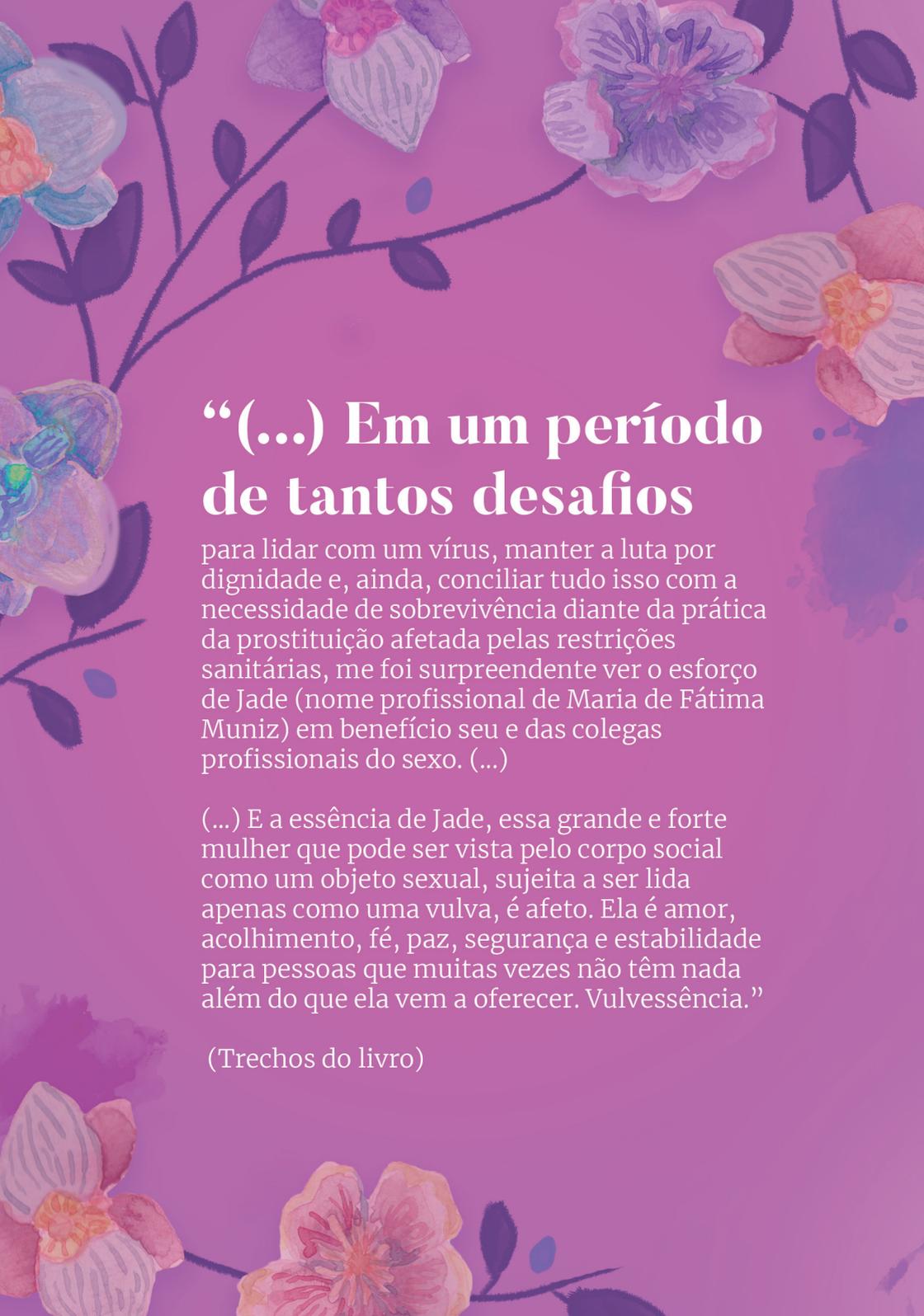
*Ação ou efeito de sofrer, de sentir dor física ou moral.  
Essa dor física ou moral; padecimento, amargura.  
Vida repleta de desgraças, de pobreza e miséria.*



# Sobre a autora

Júlia de Souza Fonseca é doula, gineterapeuta e jornalista formada pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Nascida em 1996, em Itabira, Minas Gerais, este é o seu primeiro livro publicado.

FOTO: THAÍS SILVA



## “(…) Em um período de tantos desafios

para lidar com um vírus, manter a luta por dignidade e, ainda, conciliar tudo isso com a necessidade de sobrevivência diante da prática da prostituição afetada pelas restrições sanitárias, me foi surpreendente ver o esforço de Jade (nome profissional de Maria de Fátima Muniz) em benefício seu e das colegas profissionais do sexo. (…)

(…) E a essência de Jade, essa grande e forte mulher que pode ser vista pelo corpo social como um objeto sexual, sujeita a ser lida apenas como uma vulva, é afeto. Ela é amor, acolhimento, fé, paz, segurança e estabilidade para pessoas que muitas vezes não têm nada além do que ela vem a oferecer. Vulvessência.”

(Trechos do livro)